

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**LUANA ELY QUINTANA**

**O SENSACIONALISMO NO THE NEW YORK TIMES:**  
**Análise sobre o caso do *serial killer* Ted Bundy**

**São Leopoldo**  
**2021**

LUANA ELY QUINTANA

**O SENSACIONALISMO NO THE NEW YORK TIMES:  
Análise sobre o caso do *serial killer* Ted Bundy**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel  
em 2021, pelo Curso de Jornalismo  
da Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Me. Felipe Boff

São Leopoldo

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os orientadores envolvidos na realização deste projeto, em especial Luiz Antônio Farias Duarte que, em conjunto, construiu a base deste trabalho de conclusão. Agradeço, também, aos demais professores que tanto me ensinaram ao longo de toda minha jornada acadêmica, essencialmente o professor Pedro Luiz da Silveira Osório, o qual eu tanto admiro e guardo um carinho imenso. E, claro, ao professor Felipe Boff, que aceitou embarcar nessa jangada que estava aos pedaços e, com toda calma e paciência do mundo, me ajudou a recriar este trabalho. Do fundo do coração, obrigada, mestres.

Agradeço a minha família, por nunca medir esforços quando o assunto era estudo e amor, me proporcionando tudo que sempre precisei. Eu amo vocês.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todas pessoas que tanto me aturaram e me ajudaram nesta aventura. Obrigada por ouvirem reclamações, palavras de desespero e, apesar de tudo, não saírem do meu lado. A todos os amigos e colegas, obrigada!

“...observa como o diabo sabe tirar partido da escritura. Uma alma vil, que cita as coisas santas, é como o biltre de sorriso ameno, ou uma bela maçã podre por dentro. Como é belo o exterior da falsidade!” – **William Shakespeare.**

“Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade.” – **Gabriel García Márquez.**

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é sobre o sensacionalismo no jornal norte-americano The New York Times perante o caso do *serial killer* Ted Bundy. Tem por objetivo central analisar a cobertura feita pelo jornal em duas matérias do jornalista Jon Nordheimer, uma sobre o julgamento e outra sobre a execução de Bundy. Para isso, analisamos duas reportagens: “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL”, de 1978, sobre seu julgamento e “Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting Trail of Killings”, de 1989, sobre sua execução. O método utilizado foi a Análise de Conteúdo proposto pela autora Laurence Bardin, que analisa qualitativamente dois grandes grupos propostos – de termos sensacionalistas e estereotipados – em ambas as matérias. Ao final, considera-se que sim, o jornal The New York Times foi sensacionalista perante o julgamento e a execução de Theodore Robert Bundy, entre os anos de 1970 e 1990.

Palavras-chave: Sensacionalismo. The New York Times. Ted Bundy.

## ABSTRACT

This graduation project is about the sensationalism in the North American newspaper The New York Times regarding the case of *serial killer* Ted Bundy. Its main objective is to analyze the newspaper's coverage in two articles written by the journalist Jon Nordheimer, one on the trial and the other on Bundy's execution. For that, we analyzed two articles: “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL”, from 1978, about his trial and “Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting Trail of Killings”, from 1989, about his execution. The method used was the Content Analysis proposed by author Laurence Bardin, which qualitatively analyzes two large groups proposed – with sensational and stereotyped terms – in both articles. In the end, it is considered that yes, The New York Times newspaper was sensationalist towards the trial and the execution of Theodore Robert Bundy, between the years of 1970 and 1990.

Keywords: Sensationalism. The New York Times. Ted Bundy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Descrição de "Ted", segundo The Seattle Times.....	17
Figura 2 – Dr. Richard Souviron presents evidence at Ted Bundy's appeal trial..	19
Figura 3 – Louise Bundy ao telefone se despedindo do filho, Ted Bundy.....	40

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de violência na execução de Ted Bundy.....	41
Tabela 2 – Tabela de personalidade no julgamento de Ted Bundy.....	42
Tabela 3 – Tabela de personalidade na execução de Ted Bundy.....	43
Tabela 4 – Tabela de aparência no julgamento de Ted Bundy.....	45
Tabela 5 – Tabela de aparência na execução de Ted Bundy.....	46
Tabela 6 – Tabela de atributos intelectuais no julgamento de Ted Bundy.....	48
Tabela 7 – Tabela de atributos sociais no julgamento de Ted Bundy.....	49
Tabela 8 – Tabela de atributos intelectuais na execução de Ted Bundy.....	50
Tabela 9 – Tabela de atributos sociais na execução de Ted Bundy.....	51
Tabela10 – Tabela de melodramatização no julgamento de Ted Bundy.....	70
Tabela11 – Tabela de melodramatização na execução de Ted Bundy.....	72
Tabela12 – Tabela de violência no julgamento de Ted Bundy.....	73

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico de personalidade no julgamento de Ted Bundy.....	43
Gráfico 2 – Gráfico de personalidade na execução de Ted Bundy.....	44
Gráfico 3 – Gráfico de aparência no julgamento de Ted Bundy.....	46
Gráfico 4 – Gráfico de aparência na execução de Ted Bundy.....	47
Gráfico 5 – Gráfico de atributos intelectuais no julgamento de Ted Bundy.....	49
Gráfico 6 – Gráfico de atributos sociais no julgamento de Ted Bundy.....	50
Gráfico 7 – Gráfico de atributos intelectuais na execução de Ted Bundy.....	51
Gráfico 8 – Gráfico de atributos sociais na execução de Ted Bundy.....	52



## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 O CASO TED BUNDY: BIOGRAFIA</b> .....	<b>13</b>
2.1 Vida amorosa .....	14
2.2 Desaparecimentos .....	16
2.3 Chi Omega e Kimberly Leach .....	18
2.4 Confissões e <i>Modus Operandi</i> .....	20
<b>3 JORNALISMO POLICIAL</b> .....	<b>23</b>
3.1 Um jornalismo peculiar .....	24
<b>4 SENSACIONALISMO</b> .....	<b>27</b>
4.1 Imprensa Amarela .....	28
4.2 Jornalismo de sensações e linguagem .....	29
4.3 Escândalos, sexo e sangue... e violência .....	31
4.4 Morte .....	32
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	<b>33</b>
<b>6 ANÁLISE</b> .....	<b>39</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>
<b>8 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>9 ANEXOS</b> .....	<b>59</b>
<b>10 APÊNDICE</b> .....	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação têm um papel muito importante no cotidiano da sociedade, seja qual for o campo jornalístico. A todo momento somos expostos a milhares de informações e grande parte desse material se torna um possível instrumento de influência para aumentar os números de leitores, telespectadores e ouvintes.

As informações recebidas desempenham um papel de persuasão nos hábitos e costumes diários dos receptores, principalmente se expostas ou introduzidas da maneira ambiciosa, geralmente com apresentações tendenciosas, sensacionalizadas e enquadradas. Posto isso, a presente pesquisa visa analisar o caso Ted Bundy e refletir sobre o sensacionalismo dentro do jornalismo policial, e especialmente os de *serial killers*, inclusive na grande imprensa, como é o caso do jornal The New York Times.

Se voltarmos algumas décadas, mais precisamente em junho de 1979, no julgamento de Ted Bundy (1946-1989) – acusado pelo assassinato de duas mulheres da fraternidade Chi Omega, na Flórida – o carisma e o rosto marcante do *serial killer* fizeram dele o mais famoso sociopata da história dos Estados Unidos, tendo, inclusive, o seu caso como o primeiro com transmissão televisiva ao vivo para todo o país. Foi um verdadeiro espetáculo que contou, inclusive, com a presença de fãs. “É um ótimo entretenimento. Ele é um personagem maligno fascinante”<sup>1</sup>, relata Laura Healy, irmã da primeira vítima conhecida de Ted, em “Falling for a Killer”, série exclusiva da Amazon Prime Video (2020).

Se olharmos os arquivos gravados na época, é possível perceber que Ted possuía inúmeras fãs. Durante seu julgamento, fã-clubes foram criados, centenas de garotas iam ao tribunal defender a sua inocência. Podemos apontar Carole Ann Boone – sua única esposa – como uma de suas admiradoras mais famosas. Ela acreditava na inocência de Bundy e alegava que ele estava sendo falsamente acusado. Durante a fase de penalidade de seu julgamento, ela até

---

<sup>1</sup> Do original “It makes a great entertainment. He's a fascinating evil character”. Trecho traduzido pela autora.

testemunhou em seu nome. Carole mudou-se de Washington para a Flórida, casou-se e teve uma filha com Bundy. Isenberg<sup>2</sup> sugere que Boone não poderia ter amado Bundy de verdade, em vez disso, ela amou “a sua própria criação, o que ela queria que ele fosse – não o que ele era de verdade.”

A transmissão de todo o processo foi feita ao vivo, na televisão aberta dos Estados Unidos, permitindo que Bundy realizasse inúmeras entrevistas, onde ele usava de sua personalidade marcante para fazer o telespectador acreditar no que ele mais desejava: que era inocente. “Aqui estava um jovem que representava o melhor da América, não o seu pior. Aqui estava esse homem de aparência formidável com cabelos castanhos claros. Alguns irão dizer que Ted Bundy é o assassino em massa mais prolífico da história da América; Bundy alega que ele é uma vítima trágica de uma embolada teia de circunstâncias”<sup>3</sup>, anunciava o jornal americano *The New York Times*<sup>4</sup>, em 10 de dezembro de 1978 (Seção SM, Página 24).

A escolha pelo tema deste projeto veio após o lançamento da série-documentário “Conversando com um *Serial Killer*: Ted Bundy” (2019) e o filme estrelado por Zac Efron e Lily Collins, “*Extremely Wicked, Shockingly Evil and Vile*” (2019), ambos da Netflix (plataforma de streaming de filmes e séries); e o documentário “Ted Bundy: Apaixonada por um Assassino” (2020), da Amazon Prime Video (idem). Após assistir, ler e observar os dados reportados pelos jornais, comecei a indagar a maneira com que eram abordados. Usemos de exemplo uma reportagem, que será analisada posteriormente, do *The New York Times*, sobre Bundy ir à julgamento, onde ao invés de escrever na manchete “*serial killer* Ted Bundy vai a julgamento”, o jornal preferiu utilizar o termo “All-

---

<sup>2</sup> ISENBERG, S. Women who love men who kill. iUniverse. 1991/2000. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/shadow-boxing/201910/girls-who-love-ted-bundy>. Acessado em 11 ago, 2020.

<sup>3</sup> Do original: “Here was a young man who represented the best in America, not its worst. Here was this terrific looking man with light brown hair. Some say that Ted Bundy is the most prolific mass murderer in American history; Bundy claims he is the tragic victim of a tangling web of circumstances”. (Trecho traduzido pela autora).

<sup>4</sup> O *The New York Times* é um jornal diário estadunidense, fundado e publicado continuamente em Nova York desde 18 de setembro de 1851, pela *The New York Times Company*.

American boy on trial”<sup>5</sup>, que remete o leitor a, de cara, ter em mente que o estereótipo do “sonho americano” ou “o queridinho da América” estava injustamente indo a julgamento. Isso tudo estampado com letras bem grandes no título.

De certa maneira, o assunto me intriga pois, assim como o “pai dos *serial killers*” – Jack, O Estripador –, Bundy acabou se tornando um nome muito conhecido e que repercute até hoje, em filmes, séries, documentários, podcasts, livros etc. Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a cobertura feita pelo jornal norte-americano The New York Times em duas matérias do jornalista Jon Nordheimer, uma sobre o julgamento e outra sobre a execução de Ted Bundy. Os objetivos específicos são: contextualizar o caso e sua cobertura no The New York Times; refletir sobre o sensacionalismo e espetacularização dentro da imprensa; identificar características do sensacionalismo na cobertura do caso Ted Bundy pelo jornal The New York Times. Para isso será feita uma pesquisa de cunho bibliográfico e será aplicada a análise de conteúdo nas matérias selecionadas, para analisarmos como o julgamento e a execução de Bundy foram relatados pelo jornal escolhido.

Os relatos do jornal impresso The New York Times que serão utilizados são datados de 1978 e 1989, consecutivamente, um sendo do julgamento e condenação e o outro da sua execução. Ambos os recortes foram meticulosamente escolhidos dentre inúmeros que o jornal possui sobre o assunto e, não obstante, são do mesmo jornalista, Jon Nordheimer.

O segundo capítulo deste trabalho trata de abordar Ted Bundy, trazendo uma biografia geral do *serial killer*, traçando uma breve linha do tempo acerca dos casos cometidos, por questões de contextualização.

O terceiro capítulo discute o jornalismo policial, aponta as características desta especialização jornalística tão pouco estudada, tracejando a história deste ramo que já dava suas caras desde a *penny press*, em meados da década de 1830.

---

<sup>5</sup> “O garoto americano ideal em julgamento”. Trecho traduzido pela autora.

A seguir, no quarto capítulo, é abordado o sensacionalismo e a espetacularização dentro do jornalismo, realçando o sensacionalismo. Também, como a abordagem de uma linguagem que estimula respostas emocionais – que privilegia crimes, desastres, sexo, escândalos e monstruosidades – que atrai muito mais o olhar e interesse público.

Segue a Metodologia, no quinto capítulo; a Análise do Objeto, no sexto capítulo, a partir da análise de conteúdo; por fim, as Considerações Finais, Anexos e Apêndice, encerrando o presente TCC.

## 2 O CASO TED BUNDY: BIOGRAFIA

Ted Bundy nasceu Theodore Robert Cowell, em 24 de Novembro de 1946, em Burlington, nos Estados Unidos. Sua mãe, Eleanor Louise Cowell, ficou grávida aos 22 anos de idade, quando ainda era solteira. Considerando o estigma social onde ser mãe solteira era escandaloso, ela decidiu se mudar para a Casa de Mães Solteiras Elizabeth Lund, onde deu à luz.

Retornando à sua casa, para evitar que Ted sofresse, seus avós, Samuel e Eleanor Cowell, assumiram o papel de pais, assim, por vários anos de sua vida, ele pensou que sua mãe era, na verdade, sua irmã. A identidade do pai biológico permanece desconhecida, porém membros da família expressaram dúvidas sobre Samuel, o avô, ser seu verdadeiro pai.

O ambiente em casa era descrito por alguns familiares como abusivo e violento. Seu avô era conhecido por ser uma pessoa racista, violenta, abusiva e de temperamento explosivo. Quando criança, Ted presenciou episódios de violência praticados pelo avô contra a esposa e filhos. Mas Ted adorava o avô-pai Cowell. Ele se identificava, respeitava e se apegava a ele em momentos de dificuldade. (RULE, 1986)

Em 1951, Ted e sua mãe se mudaram para Tacoma, Washington. Lá, Louise conheceu e se casou com Johnnie Culpepper Bundy, ex-cozinheiro militar que trabalhava como cozinheiro de hospital. O padrasto acolheu ambos e deu seu sobrenome — Bundy — a Ted.

No âmbito profissional, trabalhou em diversos setores, como em uma linha telefônica de prevenção ao suicídio. De acordo com Ann Rule, amiga, colega e autora do livro *Ted Bundy: Um Estranho ao Meu Lado*, “se Ted Bundy tirou vidas, ele também salvou vidas. Sei disso porque estava presente quando as salvou” (RULE, 1986). E segue:

“Consigo visualizá-lo hoje tão claramente como se fosse ontem, debruçado no telefone, conversando de maneira sensata, reconfortante — olhando para mim, dando de ombros e sorrindo. Posso ouvi-lo concordar com uma senhora de que Seattle ter sido linda quando era iluminada apenas por lâmpadas a gás, ouvir a paciência e o afeto infinito na voz, e vê-lo suspirar e revirar os olhos enquanto ouvia um alcoólatra penitente na

linha. Ele nunca era brusco, nunca era apressado.” (RULE, 1986. p. 69)

## 2.1 Vida amorosa

Bundy namorou várias garotas, mas seu relacionamento mais duradouro — que durou cerca de seis anos — foi com Elizabeth Kloepfer. Ele, inclusive, atuou como figura paterna para Molly, filha de Kloepfer, até o término do relacionamento. No livro *The Phantom Prince, My Life with Ted Bundy*<sup>6</sup>, escrito pela própria Elizabeth, com o pseudônimo de Elizabeth Kendall, publicado em 2019, sobre os anos nos quais esteve ao lado de Bundy, é possível sentir de perto como era viver ao lado da figura de Ted.

Elizabeth e Ted ficaram juntos de 1969 a 1975. Ela era uma mãe solteira que havia acabado de se mudar para Seattle, Estados Unidos, quando conheceu Bundy em um bar. Como ela mesma narra, “ele tinha uma maneira distinta de falar, não realmente um sotaque oriental, mas mais parecido com o britânico. Seu nome, disse ele, era Ted Bundy.” (KENDALL, 2019, p.10) E segue:

Eu sabia, quando olhei para ele pela primeira vez, antes mesmo de dançarmos, que ele estava acima do resto da multidão. Suas calças e gola olímpica certamente não eram de J.C. Penney<sup>7</sup>, e a maneira como ele se movia projetava confiança. Ele parecia estar no controle de seu mundo. (KENDALL, 2019. p.10)

Logo de cara se tornaram amantes, passavam imensurável tempo juntos. Elizabeth adorava não se sentir só, Molly — filha de Elizabeth — amava a figura que Ted tinha na vida das duas e os pais, amigos e colegas de Liz — como é comumente chamada —, gostavam de Bundy. Ele parecia um cara normal.

Embora Liz, de fato, amasse ele, sua narração torna-se bem genuína perante a vida que tinham juntos. Ela mesma admite que, por muitas vezes, ignorou sinais “violentos” ou até mesmo estranhos de Ted. Ela relata, por exemplo, um episódio, que aconteceu em 4 de julho de 1974, ambos estavam

---

<sup>6</sup> "O Príncipe Fantasma, minha vida ao lado de Ted Bundy". Tradução feita pela autora.

<sup>7</sup> Rede de lojas de departamentos americana de médio porte. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/JCPenney>. Acessado em: 8 de ago. 2021

em um passeio de jangada quando Ted simplesmente empurrou-a para dentro da água:

Eu estava sentada na beira da jangada, sem prestar atenção a nada em particular, quando de repente e sem aviso, Ted se lançou sobre mim, colocou a mão em meu ombro e me empurrou para o rio. O mergulho na água gelada tirou meu fôlego. Eu subi cuspiendo e agarrei a corda na beira da jangada, tonta demais no momento para mais do que me segurar. Eu olhei para Ted e nossos olhos se encontraram. Seu rosto ficou branco, como se ele nem estivesse ali. Tive a sensação de que ele não estava me vendo. Eu lutei para subir na jangada. Ele não se moveu, ele não falou. Não consegui encontrar nenhuma expressão em seu rosto. (KENDALL, 2019. p. 49-50)

Em seu livro de memórias, Kloepfer (2019) diz que, ao começar a ouvir detalhes sobre o modus operandi — será explicado no decorrer do capítulo — do suspeito de abduções que vinham acontecendo em Seattle, certas similaridades começaram a surgir através de pequenas coincidências que parecem conectar o suspeito a seu Ted. A polícia descrevia o suspeito como alguém que, ocasionalmente, agia como uma pessoa ferida para atrair suas vítimas para ajudá-lo a voltar para seu carro. Kloepfer (2019) lembra que, certa vez, ela encontrou *Plaster of Paris*<sup>8</sup> que ele havia roubado da empresa de suprimentos médicos onde havia trabalhado. Em outra ocasião, ela notou um par de muletas em seu apartamento, que ele disse serem de zelador do prédio. No carro de Ted ela encontrou uma machadinha embaixo do banco, entretanto Bundy explicou que ele usou-a para cortar uma árvore para os pais. Kloepfer encontrou, também, uma pilha de recibos de gasolina no visor do carro de Ted — sugerindo que ele fizera longas viagens sem contar para ela.

Kloepfer (2019) relata que procurou a polícia múltiplas vezes para contar esses detalhes, que a faziam suspeitar do namorado, mas, como Bundy não tinha antecedentes criminais, as autoridades de Seattle descartaram a possibilidade de ser um suspeito sério. Como cita a revista Galileu:

O que mais chocou o mundo na época em que Ted Bundy foi condenado à morte pelo assassinato de 36 jovens foi o seguinte: ele era um cara comum. Com olhos azuis e cabelos escuros, o rapaz estava sempre arrumado e esbanjava simpatia. (GALILEU, 2019)

---

<sup>8</sup> "Gesso". Tradução feita pela autora.



## 2.2 Desaparecimentos

Em 1974, Bundy começou a estudar direito na Universidade de Utah e, não por coincidência, jovens começaram a desaparecer dos campi universitários nos estados de Oregon e Washington, região vizinha à casa de Bundy. Todas as moças que foram abduzidas tinham traços muito parecidos, como narra Rule (1986):

Todas tinham cabelo comprido, separado ao meio; Todas eram caucasianas, de complexão clara; Todas eram muito mais inteligentes do que a média; Todas eram esbeltas, atraentes, bastante talentosas; Todas tinham desaparecido na semana anterior às provas de meio ou fim de semestre nas faculdades locais; Todas vinham de uma família estável e amorosa; Todos os desaparecimentos aconteceram durante as horas de escuridão; Nenhuma delas era casada; Todas usavam calça ou jeans quando desapareceram; Em todos os casos, os detetives não tinham uma peça sequer de evidência física deixada pelo sequestrador; Obras eram realizadas em cada campus onde as garotas desapareceram. (RULE, 1986. p. 121)

Em fevereiro de 1974, a polícia investigava o desaparecimento de uma jovem estudante de 21 anos que sumiu de sua casa, em um bairro universitário. Poucos meses após o início das investigações de Healey, outro desaparecimento foi relatado: o de outra estudante, também residente nas proximidades da Universidade de Washington.

Até o momento, os casos eram tratados somente como possíveis desaparecimentos. Foi somente depois do sumiço de outras quatro mulheres, todas estudantes universitárias com idade entre 18 e 22 anos, que se tornou pública a hipótese de que poderia haver um assassino em série. Em julho de 1974, outras duas moças desapareceram na região de Seattle, ambas foram vistas pela última vez no Parque Estadual do Lake Sammamish, onde teriam sido abordadas por um homem que, por descuido, testemunhas ouviram que se chamava "Ted".

Em setembro do mesmo ano, outras três vítimas seriam identificadas também no estado de Utah, com idade entre 16 e 17 anos. Menos de dois meses depois, Carol Daronch, de 18 anos, seria sequestrada por um homem no estacionamento de um shopping, mas conseguiria fugir; e, apenas quatro horas mais tarde, outra jovem de 17 anos, seria abduzida e morta.

O ataque que ocorreu contra DaRonch, que conseguiu escapar com vida, resultou em uma descrição falada do homem que havia atacado, do Volkswagen que ele dirigia e uma amostra de seu sangue que ficou na jaqueta da vítima durante o ataque.

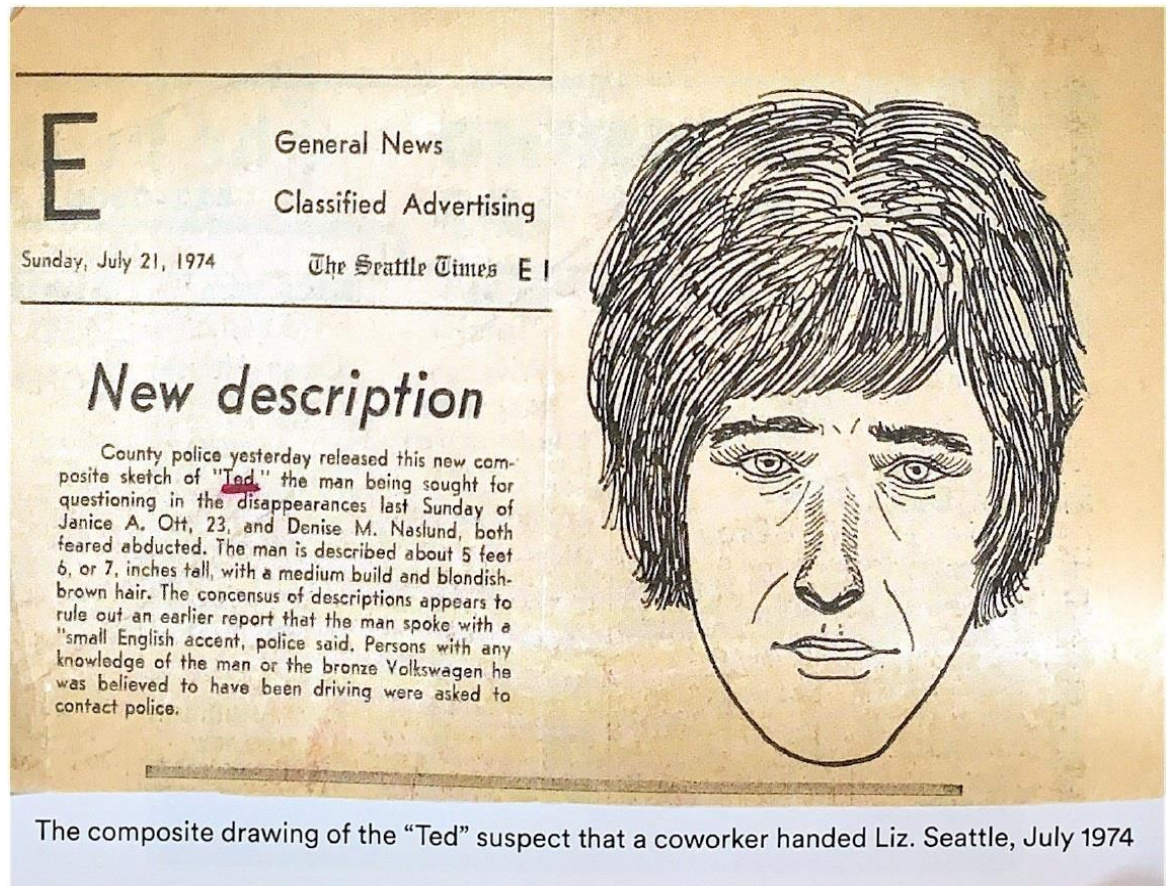


Figura 1: Descrição de "Ted", segundo *The Seattle Times* (KENDALL, 2019)

Entre janeiro e abril de 1975, novos casos emergiram. Uma jovem de 23 anos, que estava de férias com o noivo; uma jovem de 26 anos; e outra de 25, todas desapareceram no estado do Colorado.

Acidentalmente, em 16 agosto de 1975, Bundy foi preso por excesso de velocidade e por porte de objetos que pareciam ser ferramentas de roubo — um pé-de-cabra, algemas, uma corda, uma máscara de esqui e outra máscara feita de uma meia-calça. Ao falar com a namorada Elizabeth sobre os artefatos, Bundy deu explicações para os itens que estavam no carro:

“Era apenas um acúmulo de lixo. Eu tinha a corda da balsa na bolsa marrom, você sabe. E um pé-de-cabra que é realmente útil para utilizar

no carro, ou algo parecido. A busca nunca vai se sustentar no tribunal. É claramente ilegal.” (KENDALL, 2019, p.105).

Quando ela perguntou sobre a meia-calça, ele respondeu: “Ah, isso. Eu uso sob a minha máscara de esqui quando estou removendo a neve. Sobrou do inverno passado” (KENDALL, 2019, p.105).

A compatibilidade física de Ted com a descrição do suspeito por sequestrar e agredir Carol Daronch abriu uma nova investigação. Em 1976, Ted foi julgado e condenado a uma pena de 1 a 15 anos de prisão por tentativa de sequestro e agressão, sem direito à liberdade condicional. Todavia, seu nome também foi conectado a outros crimes e ele seria julgado pelo assassinato de uma jovem, se não tivesse conseguido, depois de duas tentativas falhas, fugir da prisão em dezembro de 1977.

### **2.3 Chi Omega e Kimberly Leach**

Em 1978, Bundy já era procurado em todo o país, mas foram os assassinatos de 14 de janeiro daquele ano que o tornaram realmente famoso. Ele invadiu a casa de fraternidade Chi Omega, na Universidade Estadual da Flórida, em Tallahassee, onde duas estudantes, de 21 e 20 anos, foram espancadas e estranguladas até a morte, Ted estuprou uma delas e mordeu brutalmente suas nádegas e um mamilo. Outras duas moradoras do local foram brutalmente agredidas mas conseguiram sobreviver ao ataque. Os investigadores atribuíram o salvamento das duas à uma quinta moradora da casa, que chegou ao local e Bundy foi interrompido antes que ele pudesse matá-las.

Em 9 de fevereiro de 1978, na cidade de Salt Lake City, também na Flórida, a menina Kimberly Leach, de apenas 12 anos, foi assassinada, depois de desaparecer entre o caminho de casa e da escola. Uma semana após o ocorrido, Bundy cometeu um erro: dirigir um veículo roubado em Pensacola, na Flórida. Ele foi parado na rodovia por policiais e acabou sendo preso.

Segundo Kloepfer (2019), no final de seu livro, em fevereiro de 1978, Bundy, então um dos fugitivos mais procurados do FBI (Federal Bureau of Investigation), uma vez sob custódia, negociou com os policiais um telefonema e ligou para ela. “Vai ser ruim”, disse ele, de acordo com suas memórias, “muito

ruim, quando vir à tona amanhã. Eu quero que você esteja preparada. Pode ser muito feio” (KENDALL, 2019). Neste mesmo telefonema, ela perguntou se ele era um suspeito dos assassinatos da fraternidade — sem saber, na época, que Bundy também havia matado Kimberly, que tinha a mesma idade de sua filha, Molly.

Além das testemunhas da Universidade da Flórida, outros fatos importantes para a condenação de pena de morte Bundy foram as evidências físicas que o ligavam aos três assassinatos — dentre eles um molde feito a partir das marcas de mordidas encontradas em uma das vítimas da irmandade. (Figura 2)



*Figura 2: Foley, Mark T., 1943-. Dr. Richard Souviron presents evidence at Ted Bundy's appeal trial - Tallahassee, Florida. 1987<sup>9</sup>*

<sup>9</sup> State Archives of Florida, Florida Memory. <<https://www.floridamemory.com/items/show/133904>>, Acessado em: 10 ago, 2021.

Durante o julgamento sobre o caso Chi Omega, que foi noticiado em televisão aberta dos Estados Unidos, Bundy resolveu atuar como seu próprio advogado e defendeu a si mesmo, pois dizia ser o homem que mais conhecia e confiava no momento. Como cita a Revista Galileu:

Bundy foi a julgamento na Flórida em 25 de junho de 1979 pelos assassinatos das mulheres da fraternidade. O julgamento foi televisionado e Bundy agiu de forma midiática e sedutora para tentar convencer o júri — e os norte-americanos — de sua inocência. Mesmo assim foi considerado culpado e recebeu duas sentenças de morte. (GALILEU, 2019)

Em 7 de janeiro de 1980, Bundy foi novamente a julgamento, desta vez pela morte da menina de 12 anos, Kimberly Leach, e permitiu que seus advogados o representassem. A estratégia da defesa foi pedir absolvição alegando insanidade. Mas, no final, Bundy foi considerado culpado e recebeu mais uma sentença de morte, sendo essa sua terceira.

#### **2.4 Confissões e *Modus Operandi***

*Modus operandi* é uma expressão em latim que significa “modo de operação”. O *modus operandi* nada mais é do que o padrão utilizado pelo assassino no momento em que está executando o crime. Segundo Harold Schechter, no livro *Serial Killers - Anatomia do Mal: Entre na mente dos psicopatas*, “o termo refere-se ao método preferido do assassino para cometer seus crimes: como ele escolhe, embosca, subjuga, despacha suas vítimas e foge em seguida” (SCHECHTER, 2013. p. 304). Quando se nota um certo padrão, é possível identificar quem foi o assassino e inclusive relacionar com outros crimes antecedentes.

Segundo Ann Rule (1986), o *modus operandi* de Ted era abordar moças jovens em parques, campus de universidades e escolas, fingir estar machucado, geralmente com o pé ou braço engessado ou usando muletas e pedir ajuda à vítima para levar algo até seu carro. Utilizava como veículo um Volkswagen Fusca, que não possuía trinco interno na porta do passageiro. Uma vez perto ou dentro de seu carro, a vítima era dominada, espancada e algemada antes de ser abusada e estrangulada. Bundy, então, transportava-as para um local secundário.

Logo após a conclusão do julgamento de Kimberly Leach, Bundy iniciou uma série de entrevistas com os jornalistas Stephen Michaud e Hugh Aynesworth (1989). Neste período, o *serial killer* confessou ter assassinado 36 mulheres, descrevendo como as matou e onde estavam os seus cadáveres. Com o tempo, as autoridades chegaram ao número aproximado de 65 outras possíveis vítimas, chegando num total de quase 100 mulheres. Ted foi submetido a múltiplos exames psiquiátricos, mas os especialistas nunca obtiveram um resultado conclusivo.

Na tarde anterior à sua execução, em 23 de janeiro, Bundy concedeu uma última entrevista à James Dobson, autor cristão evangélico e psicólogo estadunidense. Bundy falou sobre a violência na mídia e as raízes pornográficas de seus crimes. A seguir parte da transcrição da entrevista, de acordo com o livro de Schechter:

[...] Não estou culpando a pornografia. Não estou dizendo que ela me levou a sair por aí e fazer coisas. Eu assumo total responsabilidade por tudo que fiz. A questão não é essa. A questão é como esse tipo de literatura contribuiu e ajudou a moldar e dar forma a certos tipos de comportamento violento. (SCHECHTER, 2013. p.271)

E segue:

[...] Basicamente, eu era uma pessoa normal. Eu não era o tipo de cara que frequentava bares ou um vagabundo. [...] Levava uma vida normal, exceto por essa parte pequena mas muito poderosa e destrutiva que eu mantinha em segredo absoluto. Aqueles de nós que têm sido tão influenciados pela violência nos meios de comunicação, especialmente pela violência pornográfica, não são monstros natos ou algo do tipo. Nós somos seus filhos e maridos. Crescemos em famílias normais. A pornografia pode se infiltrar em uma casa e arrebatou qualquer criança hoje em dia. Ela me arrebatou vinte ou trinta anos atrás. [...] (SCHECHTER, 2013. p.272)

Theodore Robert Bundy morreu na cadeira elétrica em 24 de janeiro de 1989, às 7h16min, aos 42 anos de idade, na Florida State Prison, em Bradford County, Flórida, nos Estados Unidos.

Algumas de suas vítimas conhecidas e citadas pela imprensa são: Caryn Llène Campbell, Donna Gail Manson, Kimberly LaFouche, Kimberly Diane Leach, Roberta Kathleen Parks, Karen Sparks, Lynda Ann Healy, Susan Elaine Rancourt, Brenda Carol Ball, Georgann Hawkins, Janice Ott, Denise Marie Naslund, Nancy Wilcox, Melissa Smith, Laura Ann Aime, Carol DaRonch, Debra

Jean Kent, Julie Cunningham, Denise Lynn Oliverson, Lynette Dawn Culver, Susan Curtis, Lisa Levy, Margaret Bowman, Kathy Kleiner, Karen Chandler, Cheryl Thomas e Leslie Parmenter.

### 3 JORNALISMO POLICIAL

O jornalismo policial faz parte do cotidiano da mídia noticiosa. Entretanto, esse ramo jornalístico intrínseco é pouco abordado nas salas de aula da graduação, ou até mesmo em trabalhos e pesquisas científicas. Desde o surgimento da chamada *penny press*, ou "imprensa dos centavos", – jornais baratos, do tipo tabloide, produzidos em massa nos Estados Unidos, na década de 1830 – o noticiário policial já se fazia presente em suas publicações. Estes, são considerados revolucionários ao tornar as notícias acessíveis à comunidade de classe média por um preço razoável.

O novo conceito de produção jornalística pode ser exemplificado com o New York Sun, primeiro jornal de massa que surge em 1833, o New York Herald, criado em 1835, e o La Presse, lançado em Paris em 1836. (TRAQUINA, N. Teorias do jornalismo. 2005, p. 50)

O jornalismo de centavos, que outrora se enquadrava no gênero "jornalismo policial", hoje presente em praticamente qualquer lugar do mundo, aperfeiçoou-se muito – tanto em variedade de conteúdos quanto em qualidade gráfica. Embora a "crônica policial" continue sendo a peça de fundamental do jornalismo popular, hoje em dia, os leitores possuem um leque muito mais amplo de conteúdos diversos, incluindo colunas de opinião, palavras cruzadas, resumo de episódios das novelas, entre outros.

Young (1929) sugere que é sensato presumir que estes periódicos refletem e, até certo ponto, influenciam as atitudes de seus leitores em relação ao crime, o criminoso e seu tratamento. E, também, que não há jornais policiais que admitam que seu foco principal de existência é para a diversão de seus leitores. (YOUNG, 1929. p. 131)

Passados quase um século, o jornalismo policial continua em alta. Apesar de notarmos algumas mudanças na forma da construção das notícias, praticamente todos os meios noticiosos possuem tais relatos. Sejam assassinatos, roubos, brigas, entre outros crimes, esse é um assunto muito presente no cotidiano e o receptor já está acostumado a acompanhar os mais variados temas que compõem a teia jornalística em todos os meios de comunicação.



### 3.1 Um jornalismo peculiar

No prefácio do livro *Reportagem Policial: Um Jornalismo Peculiar*, de Eduardo Veloso Fuccia – que será abordado neste capítulo do trabalho –, Percival de Souza<sup>10</sup> escreve que, o jornalismo policial deveria, na verdade, ser identificado como reportagem criminal, pois este tipo de matéria jornalística abrange a polícia, sim, mas não se limita exclusivamente a ela.

Para distribuição da Justiça é necessária a participação de advogados. Essas histórias podem resultar em condenações, para as quais perícias, médico-legais e científicas, são vitais. Surgem os estabelecimentos prisionais e, junto com eles, os psiquiatras, os psicólogos, os assistentes sociais, além dos administradores prisionais. A área também se abre para sociólogos e antropólogos. (DE SOUZA, 2008. Prefácio)

Fuccia (2008), logo no início da obra, grifa uma frase interessante sobre a grande procura pelo assunto. “Existem mais razões para o crescente aumento da cobertura policial e todas elas somadas geram, talvez, o principal motivo para os meios de comunicação dedicarem cada vez mais espaço ao noticiário criminal: o interesse pelo assunto de grande parte dos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas” (FUCCIA, p. 15).

Desde a época do caso que será analisado aqui, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980, até hoje, a procura pelas reportagens policiais é bem maior que qualquer outra categoria jornalística. Para tal demanda, Fuccia (2008) discorre sobre a necessidade de uma especialização no ramo se fazer presente, “de maneira que cada editoria, na medida do possível, seja preenchida com especialistas” (FUCCIA. p.17).

Mas quais seriam os requisitos para ser considerado um especialista? Fuccia (2008) explica que o primeiro passo seria ter atração pelo segmento grotesco do jornalismo, “do qual a maioria dos profissionais não gosta e reluta em atuar, ainda que em caráter provisório” (FUCCIA, p.17). Além da paixão pelo que se faz, a técnica – seguir as regras jornalísticas e manual do órgão de

---

<sup>10</sup> Jornalista, Escritor, Criminólogo, comentarista da TV Record e consultor da Comissão de Segurança Pública da OAB-SP.

imprensa em particular que se está trabalhando –, o bom senso e as noções jurídicas também são cruciais.

A técnica, porém, só tem sentido se encarada como um instrumento capaz de propiciar uma diretriz ao trabalho dos jornalistas e de conferir à produção do noticiário de certo órgão de imprensa uma padronização para distingui-lo do trabalho de outros. Não significa subtrair todo o estilo pessoal de quem o elabora. (FUCCIA, 2008. p. 18)

Em se tratando de uma crônica policial, o nível de liberdade deve ser grande, pois os temas abordados são histórias humanas que despertam fortes sentimentos para ambos, o receptor e o narrador. Entretanto, como comentado antes, o bom senso deve se fazer presente, principalmente em casos de violência sexual. O bom senso manda não divulgar, por exemplo, o nome da vítima, independentemente da idade, ou, também, qualquer informação que possa identificá-la, como endereços – residencial ou de trabalho –, ou até mesmo a sua profissão.

Fuccia (2008) reforça que é crucial investigar antes de noticiar, uma vez que a credibilidade das fontes oficiais não se mede pelos cargos que ocupam (p. 35).

Por isso, é preciso confiar nas fontes desconfiando, ainda que possam ser consideradas fidedignas. A credibilidade delas não se mede pelo cargo que ocupam. Em nome de um interesse que eventualmente tenham no fato, elas podem deturpá-lo ou contá-lo somente naquilo que lhes interessa. (FUCCIA, 2008. p. 25)

Também, não devemos divulgar aquilo que não se for comprovado, assim, além das fontes, devemos amparar os documentos de investigações (FUCCIA, p. 36). “O auto de prisão em flagrante, o laudo necroscópico, a denúncia oferecida pelo Ministério Público, a sentença, etc. Sempre que possível, devem ser meticulosamente lidos”. (FUCCIA, p. 36).

Fuccia (2008) relembra que a função fundamental do Jornalismo é a de informar, mas, sempre que possível, deve ter como objetivo a formação do leitor. “A notícia não pode ser encarada como um produto cuja finalidade exclusiva é a de levar ao conhecimento público fatos que sejam do interesse de determinada comunidade” (FUCCIA, p.37). Sendo assim, tornar a notícia um agente de transformação social e de aprimoramento cultural deve ser considerado pelo jornalista, independentemente da área em que atua.

Considerando que a notícia deve ser objetiva e apresentada com uma linguagem que atinja o conhecimento médio das pessoas, no caso da reportagem policial, os conhecimentos jurídicos, que são fundamentais para entender com propriedade os fatos que serão relatados, as consequências do ocorrido ou qualquer informação relevante para a compreensão e contextualização das notícias, precisam ser repassados ao receptor de maneira clara e precisa.

Os defensores dessa tese do nivelamento por baixo sustentam que a objetividade da informação deve ficar acima de tudo. *Data venia*, pensamos que eles estariam certos se o Jornalismo não tivesse também a missão de formar, agregando à notícia dados que facilitem a sua compreensão e a razão de ser das coisas. (FUC CIA, 2008. p. 37)

Outra questão importante é entendermos que nem tudo que o jornalista apura precisa ser noticiado, pois existe um compromisso social acima de tudo e, para alcançá-lo, o primeiro passo é buscar a verdade. O compromisso social exige bom senso, como já mencionado antes, “não basta a informação divulgada ser verídica. Ela não pode colidir com direitos individuais ou coletivos” (FUC CIA, p. 71).

O livro discorre, nas demais páginas, sobre código penal brasileiro e questões relacionadas estritamente ao Brasil, os quais não entrarei em detalhes pois acabam sendo irrelevantes para o presente trabalho, tendo em vista que o caso analisado ocorreu nos Estados Unidos.

## 4 SENSACIONALISMO

Quando se fala em sensacionalismo, falamos de manipular informações, apresentando-as em um formato exagerado. *Sensacional* é um adjetivo de dois gêneros, que significa que algo produz sensação ou emoção intensa, ou que desperta viva admiração e entusiasmo; é formidável; espetacular. *Sensacionalismo*, por sua vez, é a divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de assuntos sensacionais, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública (*Oxford English Dictionary*).

Nos meios de comunicação, o sensacionalismo é um tipo de viés editorial em que as notícias possuem um teor mais exagerado e dramático para, em consequência, aumentar os números de leitores, telespectadores ou ouvintes. Ao propor as duas matérias de Jon Nordheimer, do *The New York Times*, sobre o *serial killer* Ted Bundy, o sensacionalismo será o fator principal a ser analisado neste projeto.

Angrimani (1995) sugere que o termo leva à dúvida e a imprecisão. O receptor entende sensacionalismo como um termo que remete a todas as situações em que o meio de comunicação tenha cometido um equívoco informativo, seja com dados exagerados, uma foto extravagante publicada, ou seguindo uma linha editorial mais questionadora e investigativa.

Mott<sup>11</sup> é citado por Angrimani (1995), onde ele escreve que, “a palavra é comumente utilizada para designar matérias que estimulam respostas emocionais no leitor”. “Obviamente”, Mott enfatiza, “isto leva a mensuramentos subjetivos e efeitos patológicos os quais são difíceis de estudar”. E, ainda, propõe que, na questão da morbidez, o termo sensacionalismo poderá ser usado para o tratamento particular que um jornal dá a crimes, sexo, escândalos e mortes. “Escândalos, sexo e sangue” é o que Marcondes Filho<sup>12</sup>, também citado por Angrimani (1995), descreve como os assuntos que compõem o conteúdo dessa imprensa. “Como as mercadorias em geral, interessa ao jornalista de um veículo sensacionalista o lado aparente, externo, atraente do fato. Sua essência,

---

<sup>11</sup> MOTT, Frank Luther: *A History of Newspapers in the United States Through 250 Years*. Estados Unidos, Macmillan, 1941.

<sup>12</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo, Ática, 1986.

seu sentido, sua motivação ou sua história estão fora de qualquer cogitação” (apud MARCONDES FILHO, 1986).

Todas essas definições convergem para alguns pontos comuns. Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. (ANGRIMANI, 1995. p.16)

#### 4.1 Imprensa Amarela

Nos Estados Unidos, ao fim do século XIX, surge a chamada imprensa amarela, na qual, diante de uma disputa editorial entre dois jornais de Nova Iorque, o *New York World* e o *Morning Journal*, apresentou fortemente o sensacionalismo dos periódicos que estampavam notícias exageradas em suas páginas com o objetivo comercial de atrair mais leitores.

O *New York World*, de Joseph Pulitzer, foi responsável pelas primeiras inovações do ramo impresso norte-americano, como a impressão a cores, ilustrações, manchetes e reportagens atraentes com um tom sensacional. Na mesma época, Willian Randolph Hearst, que havia trabalhado no jornal de Pulitzer, entrou no mercado, adquirindo o jornal *Morning Journal*.

Segundo Longhi<sup>13</sup> (2005), as manchetes eram escandalosas, com corpo tipográfico excessivamente grande, notícias que continham distorções e falsidades sobre os fatos, uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas.

Como exemplos de manchetes da imprensa amarela, Angrimani (1995) sugere “Um crime abominável!!! Um homem de 60 anos cortado em pedaços”, com o subtítulo: “Enfiado em uma lata e jogado como ração aos porcos”; “Um crime pavoroso: seis crianças assassinadas por sua mãe; “Um crime sem precedentes!!! Uma mulher queimada viva por seus filhos”.

Nota-se que, nos Estados Unidos, desde o primeiro jornal americano – *Publick Occurrences Both Forreign and Domestick*, que não passou da primeira

---

<sup>13</sup>Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/51188428097278301015316341937608132453.pdf>.  
Acessado em 10 de out. 2021.

e única tiragem, em 25 de setembro de 1690 – já haviam traços sensacionalistas. Segundo Mott, a primeira impressão informava aos seus leitores sobre uma epidemia de sarampo que atingia Boston, chamando os índios de “selvagens miseráveis”.

Para Mott, as técnicas que caracterizavam a ‘imprensa amarela’ eram: 1) manchetes escandalosas em corpo tipográfico excessivamente largo, ‘garrafais’, impressas em preto ou vermelho, espalhando excitação, frequentemente sobre notícias sem importância, com distorções e falsidade sobre os fatos; 2) o uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas; 3) impostura e fraudes de vários tipos, com falsas entrevistas e histórias, títulos enganosos, pseudociência; 4) quadrinhos coloridos e artigos superficiais; 5) campanhas contra os abusos sofridos pelas ‘pessoas comuns’, tornando o repórter um cruzado a serviço do consumidor. (ANGRIMANI, 1995. p. 22)

A imprensa amarela teve duração bem curta (1890-1900), mas, segundo Angrimani (1995), deixou marcas que continuam presentes quando pretende-se fazer um jornal sensacionalista.

#### **4.2 Jornalismo de sensações e linguagem**

A exploração de notícias sensacionalistas resulta em mais audiência, entretanto, pode gerar, também, mais sensacionalismo. Bourdieu (1997), em sua obra “Sobre a televisão”, analisando o sensacionalismo televisivo, sustenta essa teoria.

O tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas. (BOURDIEU, 1997, p. 23).

Os fatos narrados por tal jornalismo são fatos que aludem ao curioso, ao atípico, ao incomum, ao grotesco, e que produzem familiaridade ao mostrar o análogo, o vizinho, o sujeito que segue o mesmo trajeto de ônibus que o leitor ou compra pão na mesma padaria de bairro que o leitor; tudo isto com uma forte carga emocional que traz vulnerabilidade ao receptor. É uma maneira sedutora de mostrar aspectos peculiares de uma realidade próxima e que produz grande interesse àqueles que os leem.

As manchetes trazem títulos em evidência com letras em caixa alta, em tamanho grande, grifadas e em cores que conferem interesse, chamando atenção de todos logo de cara. A ênfase às manchetes é de suma importância,

pois são elas a primeira ligação entre o receptor e a notícia. É justamente este simples recurso que vai cativar a atenção do leitor. De acordo com Angrimani (1995), a linguagem textual da notícia deve ser simples para que o todos os públicos possam compreendê-las e, também, compartilha-las. A linguagem exagerada pode conter até mesmo gírias.

Letícia Cantarela Matheus (2011), em “Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo” sugere que “a leitura pelas sensações estava de tal forma imbricada no tema da violência que o medo adquiriu dimensão narrativa própria, assumindo seguidas manchetes, tornando-se praticamente tema autônomo” (CANTARELA, 2011. p. 109)<sup>14</sup>.

As notícias não fazem sentido por si só. Elas formam uma rede de múltiplas intertextualidades. Em 1978, não somente um, como dois papas morreram, o papa Paulo VI, depois de 15 anos de pontificado e o papa João Paulo I, 33 dias depois de ser eleito. No Brasil, um incêndio destruiu o acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Nos Estados Unidos, o *serial killer* Ted Bundy é condenado à cadeira elétrica. Em 10 de dezembro, o *The New York Times* publica uma matéria de 16 páginas falando sobre o julgamento do então “garoto americano” – como eles mesmos estampam no título com letras grandes. Em 24 de janeiro de 1989, dez anos após o julgamento, o mesmo jornalista – Jon Nordheimer – produz outra matéria, de quatro páginas, sobre a cobertura da execução pela cadeira elétrica de Bundy.

Segundo Cantarela (2011), frequentemente a cobertura policial é reduzida à teoria do *fait divers* – em francês, “fatos diversos”, conceito jornalístico que designa os assuntos não-categorizáveis nas editorias tradicionais dos veículos. Tais excertos tornam-se noticiosos por apresentarem casos enigmáticos, obscuros e excepcionais. O gênero sensacionalista inserido nestas coberturas aproxima-se da narrativa romântica dos folhetins, o que torna essas notícias ainda mais interessantes ao público geral. Entretanto, “nem toda reportagem policial é sensacionalista e nem tudo o que é sensacionalista é *fait divers*” (CANTARELA, 2011).

Sensacionalismo é, em síntese, fazer apelo a reações baseadas na emoção mais do que na razão. Neste contexto, não interessa somente aquilo

---

<sup>14</sup> Nota da autora: não há numeração de páginas nesta versão do livro, por ser em formato Kindle, então usarei a posição dos trechos no livro conforme o próprio Kindle aponta.

que o veículo notícia, mas também o modo como se notícia. Assim, a descrição do contexto comunicacional das histórias serve para mostrar que os relatos narrados passam a constituir uma espécie de *continuum* narrativo – série de acontecimentos sequenciais e ininterruptos, fazendo com que haja uma continuidade entre o ponto inicial e o final – sobre o tema. Para Cantarela (2011), “suas estruturas se assemelham mais a uma novela, com vários capítulos, com uma trama que ultrapassa suas fronteiras” (CANTARELA, 2011. p. 250).

### **4.3 Escândalos, sexo e sangue... e violência**

A violência é exposta na reportagem policial como a grande catalisadora da atenção da experiência urbana. Tal experiência apela, em particular, para as sensações e para um jornalismo que faz dessas sensações a essência de sua construção narrativa. A sociedade parece inclusa nessas narrativas, de tal forma que o receptor tem a impressão de ser um integrante da realidade narrada. Cantarela (2011, p. 561, apud BARBOSA, 2007) sustenta a afirmação: “Compondo o texto a partir de um mundo, o repórter gera um novo mundo: o que mescla realismo e romance, uma vez que a estrutura narrativa dessas notícias lembra a dos romances folhetins, ainda que os personagens sejam retirados da realidade”.

Cantarela (2011, p. 571) considera sensacionalista o jornalismo destinado aos grupos populares, acreditando que “as notícias de crimes em periódicos com esse perfil sirvam para canalizar a rebeldia potencial das classes subalternas, assegurando a normatização da sociedade a partir de uma narrativa moral na qual o crime não compensa” (apud MARCONDES FILHO, 1989). Já Dines (1971) enfatiza que todo processo jornalístico é sensacionalista, uma vez que se sublinham os elementos mais palpitantes da história, com o intuito de seduzir o leitor (CANTARELA, 2011. p. 571).

O jornalista narra não apenas ‘o que se passou efetivamente’ ou explica de que forma tomara conhecimento daqueles fatos, como também transporta para o relato algo que é de certa forma previamente conhecido pelo público, ou, pelo menos, reconhecível (CANTARELA, 2011. p. 586)



Cantarela (2011) também expõe pontos sensacionalistas nos quais ela mesma utilizou em sua análise. Como, por exemplo, destaque ao local, ou locais, onde ocorreram os crimes, que conferem o efeito de excepcionalidade; a linguagem, como: melodramatização, com inúmeras referências ao pânico; as fotografias, utilizadas com o mesmo objetivo de trazer horror; a amplificação da tragédia, que traz a sensação de que o ocorrido poderia acontecer com qualquer pessoa; a dualidade antagônica, onde, segundo o caso analisado pela autora, duas fotografias trariam extremos opostos do assunto, ou seja, uma foto do caixão e outra da vítima viva.

Através de Pedroso (1983) e Mott (1941), Cantarela (2011) indica que se trata de um modo de produção discursiva que valoriza o espetacular e o desproporcional, entretanto, o sensacionalismo trata de uma linguagem que estimula respostas emocionais, privilegiando crimes, desastres, sexo, escândalos e monstrosidades. “Os autores concordam, porém, que é possível ‘sensacionalizar’ aquilo que, em princípio, não teria conteúdo sensacional” (CANTARELA, 2011. p. 614).

#### **4.4 Morte**

O fascínio pela morte está presente em toda a sociedade. Segundo Angrimani (1995, p.54), “uma camada de verniz cultural que é rompida todas as manhãs na leitura do jornal diário, quando se é informado dos crimes em séries de um canibal, estupros, incestos, crimes passionais”. Cantarela (2011) acrescenta que o medo é um importante desencadeador, assim como provocador, de histórias que possibilitam viver uma experiência simbólica da vida urbana.

E a reportagem policial constitui oportunidade privilegiada de conformar mentalmente a cidade em que se vive materialmente. No fluxo do sensacional, o medo é um dos mediadores do relacionamento do público com o jornalismo. (CANTARELA. 2011. p. 772)

Em suas análises d’*O Globo*, Cantarela (2011) cita que a angústia dos pais das vítimas foi amplificada materializando, assim, o medo da falta do objeto amado. “As matérias chegavam inclusive a tratar dos riscos que os alunos – que estudavam no mesmo local que a vítima – sofriam, acionando cada vez mais um temor pela própria vida” (CANTARELA, 2011. p. 900). O texto assume o papel

que transporta o medo através da morte narrada, onde reconhece-se o poder das palavras. “A experimentação da violência não estava apenas em vivenciar o tiroteio, mas também em ouvir falar. O medo se experimenta pelos ouvidos” (CANTARELA, 2011. p. 915).

Assim como diversos outros pontos, a morte exerce fascínio nos receptores, como algo que é proibido. Novamente citando Barbosa (2004), Cantarela (2011) propõe que o fenômeno da morte midiática representa uma sensibilidade coletiva, uma determinada forma de se conceber a morte na atualidade. No caso, a morte como espetáculo: “A proliferação da morte violenta, fruto da guerra urbana e da desigualdade social, faz com que para os meios de comunicação neste caso seja importante não a morte em si mesma, mas o espetáculo da brutalidade cotidiana” (CANTARELA apud Barbosa, 2004. p.2).

Tal morte, do ponto de vista social, governada pela visão dos meios de comunicação, causa tanto impacto quanto alívio, como sugere Angrimani (1995). Nos recortes a serem analisados, a morte não está presente somente nas vítimas do *serial killer*, como também na condenação do mesmo à cadeira elétrica e, posteriormente, na cobertura de sua execução. Assim, sendo o sensacionalismo um tipo de linguagem, até mesmo os veículos que dizem zelar por uma imagem de seriedade – trazemos como exemplo aqui o The New York Times – podem acabar fazendo uso da linguagem em momentos propícios?

## 5 METODOLOGIA

Como já foi mencionado, temos como objetivo analisar o sensacionalismo em dois textos publicados no jornal The New York Times, escritos pelo jornalista

Jon Nordheimer. Dentre diversas matérias, estas duas foram escolhidas justamente por serem do mesmo autor e, também, por possuírem um contraste de pré-execução e pós-execução. Para analisar os textos, a metodologia usada será a análise de conteúdo.

Em 1977, foi publicada uma obra com o método da análise de conteúdo configurado em detalhes, por Laurence Bardin – professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V –, que aplicou as técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas. A obra, intitulada, em francês, *Analyse de contenu*, procura ser um manual claro, concreto e operacional desse método de investigação, que tanto pode ser utilizado no jornalismo, como em diversas outras áreas e especialidades.

Bardin traz na primeira parte do livro uma exposição histórica, que não será citada neste trabalho. De acordo com a autora (1977, p. 18), a definição de análise de conteúdo surge no final dos anos 40-50, com Berelson, auxiliado por Lazarsfeld afirmando que a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Posteriormente, houve outras tentativas de aprimoramento, aprofundando o significado, regras e princípios do método. Ainda segundo Bardin (1977), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977. p. 31). Ou seja, não é somente um instrumento, mas sim um leque de apetrechos que possibilitam uma análise profunda.

A ferramenta passa a ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 1977). De acordo com Trivinos (1987), essa definição de Bardin é voltada ao estudo das comunicações entre os indivíduos, enfatizando o conteúdo das mensagens e os aspectos quantitativos do método.

Há duas possibilidades de realizar a análise de conteúdo: a qualitativa e a quantitativa. Godoy (1995) explica que, embora nas duas abordagens a pesquisa se caracterize como um esforço cuidadoso para a descoberta de novas informações ou relações e para a verificação e ampliação do conhecimento

existente, o caminho seguido pode possuir contornos diferentes. Ela esclarece a divisão:

Em linhas gerais, num estudo quantitativo o pesquisador conduz seu trabalho a partir de um plano estabelecido *a priori*, com hipóteses claramente especificadas e variáveis operacionalmente definidas. Preocupa-se com a medição objetiva e a quantificação dos resultados. Busca a precisão, evitando distorções na etapa de análise e interpretação dos dados, garantindo assim uma margem de segurança em relação às inferências obtidas. (GODOY, 1995. p. 58)

E ainda,

De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995. p. 58)

Godoy (1995) afirma que sob a denominação “pesquisa qualitativa” podemos achar variados tipos de investigação, apoiados em diferentes quadros de orientação teórica e metodológica, tais como o interacionismo simbólico, a etnometodologia, o materialismo dialético e a fenomenologia. Essa diversidade de enfoques muitas vezes pode confundir a leitura de livros. A autora pondera que o vocabulário específico nem sempre apresenta a uniformidade esperada pelo leitor, onde, “não sendo incomum encontrarmos uma mesma palavra com diferentes significados, dependendo do autor que a utiliza, do ano em que o texto foi escrito e do campo de estudo focado”. (GODOY 1995. p. 58)

Já a pesquisa qualitativa, a qual este trabalho apoia-se, se baseia na pesquisa de campo, que nada mais é que os estudos conduzidos, literalmente, *em campo*, ou seja, de forma prática. Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural (GODOY, 1995).

Um ponto muito importante desse tipo de investigação é que o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

E, também, embora duas pessoas façam a exploração qualitativa de um mesmo recorte X, os resultados podem variar e dificilmente resultam na mesma solução ou resposta. Como sugere Godoy, “o ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo” (GODOY, 1995. p. 62).

O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. (GODOY, 1995. p. 63)

Fonseca Júnior (2006) explica que para organizar uma análise de conteúdo devemos cumprir três fases simples: (1) Pré-análise: que consiste no planejamento do trabalho que será elaborado; (2) exploração do material: que é a análise propriamente dita, envolvendo a codificação e regras previamente formuladas; e (3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: que é o tratamento dos resultados brutos de maneira que são significativos e válidos.

Diante do elucidado, voltando à Bardin (1977), durante a codificação do material, a autora propõe algumas regras que devem ser seguidas para a caracterização da análise. Ela pode ser *semântica*, com categorias temáticas; *sintática*, com verbos, adjetivos etc.; *léxica*, classificando as palavras segundo seus sentidos; e *expressiva*, com categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem. Para o presente trabalho foi optado pela codificação semântica.

A escolha da unidade de registro remete a determinado segmento de elemento que foi proposto analisar. Ela pode ser palavra, tema ou frase. A palavra não possui critério de distinção, remete a qualquer coisa, ou seja, qualquer expressão pode ser levada em consideração. A ordem de registro também tem papel decisivo nessa análise. Se um elemento aparece antes que outro, isso pode significar favorecimento ao sujeito. Assim, a análise de conteúdo pode ser realizada através da escolha de temas (categorias) pelo pesquisador.

Além das categorias, há algumas regras que precisam ser seguidas, sendo estas: a exclusão mútua: um elemento incluído na categoria x não pode ser incluído também na categoria y; a homogeneidade: só devem ser incluídas

na mesma categoria unidades de registro da mesma natureza; pertinência: o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação; objetividade e fidelidade: os procedimentos classificatórios devem ser objetivos, de forma a garantir a fidelidade dos resultados, caso alguém queira repeti-los; e produtividade: um conjunto de categorias deve fornecer resultados férteis em índice de interferências, dados e novas hipóteses.

No período de pré-análise deste projeto, foram selecionados temas ou palavras que transmitissem algum tipo de sensacionalismo ao texto. Para isso foram criadas duas categorias e subcategorias que as compreendem:

### **GRUPO 1 – SENSACIONALISMO**

- a. **Dramatização** – essa divisão engloba tanto o apelo emocional que o jornal utilizou para atrair o leitor, como o exagero das situações, tornando o texto um tanto quanto dramático e poético.
- b. **Violência** – a categoria compreende a morbidez, assim como o pânico, o medo e o horror geralmente encontrados nas narrativas sobre os assassinatos cometidos.

### **GRUPO 2 – ESTEREÓTIPO**

- a. **Personalidade** – dentro dos estereótipos, a primeira subcategoria vigente é a personalidade, que contempla adjetivos usados para narrar esse quesito de Ted Bundy.
- b. **Aparência** – abrange adjetivos e/ou expressões que remetem ao exterior de Bundy.
- c. **Atributos sociais** – envolve os locais os quais Ted Bundy já trabalhou, sua vida política, assim como a visão que as pessoas tinham dele perante a sociedade em que convivia.
- d. **Atributos intelectuais** – Por fim, os atributos intelectuais incluem a narrativa dos estudos e da inteligência do *serial killer*.

Esse estudo consiste em levantar os dados propostos e analisar, no grupo 1, a maneira com que o jornalista abordou a violência e como compôs o enredo da matéria e, no grupo 2, qual a frequência com que palavras positivas,

negativas e neutras foram utilizadas, a fim de descobrir o sentido proposto pela comunicação, se a utilização das palavras pode ter determinada significância no contexto de análise escolhido

## 6 ANÁLISE

Na análise da matéria sobre o julgamento de Ted Bundy, intitulada “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL” (anexo A), de 1978, que contém 16 páginas, o resultado foi de 155 destaques. Já a matéria sobre a execução de Bundy, intitulada “Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings” (anexo B), de 1989, que contém quatro páginas, apresentou 56 destaques. No total, foram analisados 211 recortes, separados em 130 frases e expressões que aludem à melodramatização e a violência para o grupo 1, e o grupo 2, com 81 palavras (verbos, adjetivos e substantivos) que aludem à personalidade, aparência e atributos sociais e intelectuais do *serial killer*.

### Melodramatização

#### Matéria 1: “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL”

Como pode ser conferido no apêndice 1, na matéria sobre o julgamento, foram evidenciadas 27 frases consideradas melodramáticas, que abrangem tanto o exagero como o apelo emocional do leitor em 1978.

Como pode ser observado, desde o título da matéria o jornal se posiciona apresentando uma visão de “mocinho” de Theodore Bundy, onde “o garoto americano” se encontra em julgamento por inúmeros crimes. Outros trechos como “[Bundy] representava o melhor da América, não o seu pior”, aludem ao mesmo significado de “o queridinho da América” e não algum monstro como, geralmente, os *serials killers* são descritos.

Logo no início da matéria podemos reparar na linguagem usada, que dirige o leitor a crer que Bundy era inocente e algo de errado aconteceu: “Aqueles que o viram pela primeira vez concordaram com aqueles que o conheceram por todos os seus 28 anos: Deve ter havido algum engano terrível.”

No decorrer da matéria é curioso também perceber a conotação para o lado literário do jornalismo, o que torna a leitura um tanto quanto poética e bonita. Trecho como “Conforme o verão passou e as montanhas se encheram de neve novamente” exemplifica a minha colocação.



*Matéria 2: "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings"*

Já a tabela sobre a matéria da execução, disponível no apêndice 2, onde 10 frases foram destacadas, a mesma alusão ao drama e ao literário aparece. Um destaque que dou é a escolha do jornalista em publicar uma frase apelativa do próprio Ted: "mande meu amor para a minha família e amigos". Também, a foto do anexo B que traz Louise Bundy, mãe de Ted, ao telefone (figura 3) se despedindo do filho "pouco antes de o assassino condenado ser executado na manhã de ontem na Flórida<sup>15</sup>", como narra a legenda da mesma.



*Figura 3 Em português: "Louise Bundy em sua casa em Tacoma, Wash., despedindo-se por telefone de seu filho, Theodore Bundy, pouco antes de o assassino condenado ser executado na manhã de ontem na Flórida" (Trecho traduzido pela autora)*

<sup>15</sup> Do original: "Shortly before the convicted murderer was executed yesterday morning in Florida". (Traduzido pela autora)

## Violência

### *Matéria 1: “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL”*

Como pode ser conferido no apêndice 3, na matéria sobre o julgamento, foram evidenciadas 72 frases consideradas violentas que referenciam a morbidez e o medo ao leitor. Como visto no capítulo 4 deste projeto, a violência é exposta na reportagem policial como a grande catalisadora da atenção da experiência urbana, que apela para um jornalismo de sensações.

Descrições dos ataques cometidos pelo serial killer se repetem com frequência. Trechos como: “usou um galho de árvore para esmagar violentamente as cabeças de quatro jovens adormecidas na cama, estuprando e estrangulando a vida de duas delas” aparecem sem continências.

Destaco também a repetição contínua de palavras como “algemas”, “desaparecida”, “assassinato”, “estupros” e “mutilação”.

### *Matéria 2: “Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings”*

Na tabela abaixo, referente à matéria sobre a execução de Bundy, o padrão se repete. 21 frases e termos violentos foram contabilizadas, confirmando o jornalismo de sensações. Os trechos incluem menções as torturas, estupros, estrangulamentos e descarte de corpos, narrando praticamente toda a sequência dos crimes. Igualmente a matéria anterior, ataques são descritos em detalhes, como: “Espancadas e estranguladas enquanto dormiam em suas camas”.

<b>VIOLÊNCIA – EXECUÇÃO (NYT 1989)</b>	<b>TRECHO TRADUZIDO*</b>
Hunt down women and murder them	Caçar mulheres e assassiná-las
Abducted/abduction (2)	Raptado(a)/abdução
Mutilated/mutilation (3)	Mutilado(a)/ mutilação
Slain	Assassinado(a)
Dumped in an abandoned animal pen	Jogado em um curral de animais abandonado
Bludgeoned and strangled as they slept in their beds	Espancadas e estranguladas enquanto dormiam em suas camas
Stalked victims	Perseguiu as vítimas
Terrorized several university communities	Aterrorizou várias comunidades universitárias

Their defenses were lowered in familiar settings	Suas defesas eram reduzidas em ambientes familiares
Throttled	Estrangulado(a)
Sexually abused	Abusada sexualmente
Disposing of their bodies in remote areas	Descartando os corpos em áreas remotas
Skeletons	Esqueletos
Nearly always evidence of fractured skulls	Quase sempre evidências de crânios fraturados
Broken jaws and limbs	Mandíbulas e membros quebrados
Murder (3)	Assassinato

\*Trechos traduzidos pela autora.

## Personalidade

### Matéria 1: “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL”

Para a análise do grupo 2, os recortes foram caracterizados como positivos, neutros e negativos, baseado na conotação que as palavras carregam.

A tabela a seguir mostra que, em contraponto aos poucos recortes negativos, geralmente relacionados à personalidade de Bundy, o seu charme e senso de humor são mencionados dezenas de vezes.

PERSONALIDADE - JULGAMENTO (NYT 1978)	TRECHO TRADUZIDO*
He joked with local newsmen that the eight weeks he had being held in jail in Salt Lake City before being released on bail	Ele brincou com jornalistas locais que as oito semanas que ele passou na prisão em Salt Lake City antes de ser libertado sob fiança
Intelligent (2)	Inteligente
Amiable	Amável
Bright young man	Jovem brilhante
A kind of exciting personality	Um tipo de personalidade emocionante
Sexual psychopath	Psicopata sexual
Middle-class citizen	Cidadão de classe média
Very bright	Muito brilhante
“Evil genius”	“Gênio do mal”
“Killer”	“Assassino”
Sense of humor	Senso de humor

\*Trechos traduzidos pela autora.

Abaixo podemos visualizar o gráfico com a porcentagem de itens positivos e negativos da matéria. De 12 recortes, nove eram positivos e três negativos, resultando em 75% de expressões favoráveis à Bundy.

### PERSONALIDADE / JULGAMENTO

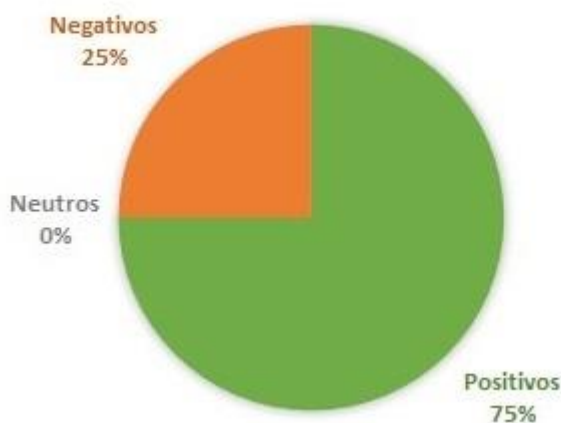


Gráfico 1 Análise de trechos da matéria "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL", de Jon Nordheimer (1978)

#### Matéria 2: "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings"

Já na matéria sobre sua execução o resultado se inverte. Especificamente três vezes são usados termos positivos em relação ao *serial killer*. Os outros cinco recortes são negativos. De oito recortes, cinco são negativos, ou seja, 63%.

PERSONALIDADE - EXECUÇÃO (NYT 1989)	TRECHO TRADUZIDO*
Among the most notorious killers	Entre os assassinos mais notórios
Articulate	Articulado
Savage and unprectable killers	Assassinos selvagens e imperdíveis
Complex man	Homem complexo
Killer	Assassino
Soft-spoken charm	Charme de fala suave
Aberrant behavior	Comportamento aberrante
Monster	Monstro

\*Trechos traduzidos pela autora.

Abaixo podemos visualizar novamente o gráfico com a porcentagem de itens positivos e negativos da matéria, sem conter nada neutro. Entretanto,

neste, a quantidade de atributos negativos é visivelmente maior que atributos positivos.



Gráfico 2 Análise de trechos da matéria "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings", de Jon Nordheimer (1989)

## Aparência

### Matéria 1: "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL"

Referente a matéria do julgamento, de 20 recortes sobre a aparência de Ted Bundy, 13 são positivos. O termo "jovem" se repete três vezes ao longo do texto, assim como descrições sobre seus olhos azuis e cabelos castanho também. Outra descrição que aparece mais de uma vez é referente ao jeito que Ted se vestia, sempre com camisa de gola, atributo esse que faz referência a modéstia e prudência, geralmente usado por adultos conservadores como uma metáfora para seu estilo de vida ou crenças pessoais<sup>16</sup>.

Um termo peculiar que aparece é a frase "parecendo bastante Kennedyesco", que, como adjetivo, alude ao ex-presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, que foi o homem mais jovem a ser eleito e, também, o primeiro presidente católico romano.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Simbologia disponível em: <https://www.thegoodtrade.com/features/history-of-turtlenecks>. Acessada em 14, nov. 2021.

APARÊNCIA - JULGAMENTO (NYT 1978)	TRECHO TRADUZIDO*
Young man (3)	Jovem
Terrific looking man	Um homem muito bonito
Light brown hair and blue eyes/brown hair (2)	Cabelos castanhos claros e olhos azuis/cabelo castanho
Looking rather Kennedyesque	Parecendo bastante Kennedyesco (o termo "Kennedyesque" refere-se à aparência do ex-presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy)
Dressed in a beige turtleneck and dark blue blazer	Vestido com uma gola alta bege e um blazer azul escuro
A smile turning the corners of his lean all-american face	Um sorriso virando os cantos de seu rosto magro e totalmente americano
Cool exterior	Exterior legal
Relaxed	Relaxado/tranquilo
Calmly concentrating	Calmamente concentrado
Clean-shaven young man	Jovem barbeado
Arm was in a cast held in a sling	O braço estava engessado e preso em uma tipoia
Medium build	Porte médio
An arm in a sling having trouble carrying his books and asking for help	Um braço em uma tipoia, tendo problemas para carregar seus livros e pedindo ajuda
Dressed in a black turtle neck, Levi's and snickers	Vestido com uma gola alta preta, Levi's e tênis (Levi's é uma marca referência no mercado de calças jeans)
Shadowy figure wearing a ski mask	Figura sombria com uma máscara de esqui
Attractive	Atraente
Haggard and hungry	Abatido e faminto

\*Trechos traduzidos pela autora.

Abaixo podemos visualizar os dados extraídos e perceber que somente 10% dos dados recolhidos são desfavoráveis a Bundy.

<sup>17</sup> Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_presidentes\\_dos\\_Estados\\_Unidos\\_por\\_afilia%C3%A7%C3%A3o\\_religiosa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_presidentes_dos_Estados_Unidos_por_afilia%C3%A7%C3%A3o_religiosa). Acessado em 16, nov. 2021



*Gráfico 3 Análise de trechos da matéria "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL", de Jon Nordheimer (1978)*

**Matéria 2: "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings"**

O mesmo pode ser observado na matéria sobre a execução de Ted. E, curiosamente, não há nada negativo que o descreva. Digo curiosamente pois, antes da condenação haviam termos negativos e após sua condenação, não. Inclusive, todos os termos positivos fazem alusão à sua beleza e não à suas características físicas ou vestimenta. Termo como "boa aparência" se repete duas vezes, e "bonitão" também se faz presente. As outras duas aludem a um jovem urbano agradável.

APARÊNCIA – EXECUÇÃO (NYT 1989)	TRECHO TRADUZIDO*
"Boy-next-door"	"Garoto da casa ao lado" (O termo faz referência à uma pessoa agradável, comum, confiável e direita)
Good looks (2)	Boa aparência
Visibly shaken	Visivelmente abalado
Tense but composed	Tenso, mas composto/calmo
Handsome	Bonitão
Urbane young man	Jovem urbano (Alguém que é educado e parece confortável em situações sociais. Alguém charmoso)

\*Trehos traduzidos pela autora.

Como pode ser conferido, a porcentagem sobre termos negativos presentes na matéria "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings" é nula.



Gráfico 4 Análise de trechos da matéria "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings", de Jon Nordheimer (1989)

### *Atributos intelectuais e sociais*

#### **Matéria 1: "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL"**

A análise dos atributos intelectuais e sociais da matéria sobre o julgamento de Ted Bundy resultou em 24 recortes no total, destes, somente um é negativo, ou seja, 4% dos termos destacados. O jornalista deixa bem claro que Ted estudava direito, o quão bom aluno ele era, como se formou com honra em psicologia e como decidiu atuar como o próprio advogado durante o período de julgamento.

Não obstante, não é nada que comprometa a imagem criada sobre o réu, como podemos observar nesta frase: "Ele abandonou a escola no semestre da primavera, perdendo seus créditos". Mesmo com a indicação de que ele decaiu na faculdade, nada prejudica a visão que o público possui dele.



ATRIBUTOS INTELECTUAIS – JULGAMENTO (NYT 1978)	TRECHO TRADUZIDO*
Two years experience in law school	Dois anos de experiência na faculdade de direito
Useful experience for one studying the law	Experiência útil para quem estuda direito
Law student/Law school (2)	Estudante de direito / Faculdade de direito
Read poetry	Lia poesia
Loved the outdoors	Amava espaços ao ar livre
Respected his parents	Respeitava seus pais
College honor student	Estudante de honra da faculdade
A university law student	Um estudante universitário de direito
Bundy insisted on acting as his own lawyer	Bundy insistiu em atuar como seu próprio advogado
A little bit above average school	Um pouco acima da média na escola
Graduated with honors and a degree in Psychology	Graduou-se com distinção e bacharel em psicologia
Forced to enter the New School of Law at the University of Puget Sound	Forçado a entrar na New School of Law da University of Puget Sound
He dropped out of school in the Spring semester, losing his credits	Ele abandonou a escola no semestre da primavera, perdendo seus créditos
Entered law school in Utah	Ingressou na escola de direito em Utah
Fairly good grades	Notas razoavelmente boas
He elected to defend himself	Ele escolheu/elegeu-se para defender a si mesmo
Bundy insisted on acting as his own lawyer	Bundy insistiu em agir como seu próprio advogado

\*Trechos traduzidos pela autora.

Abaixo o gráfico referente aos 17 recortes sobre os atributos intelectuais do *serial killer*, de onde 94% são favoráveis ao mesmo.

### ATRIBUTOS INTELECTUAIS / JULGAMENTO

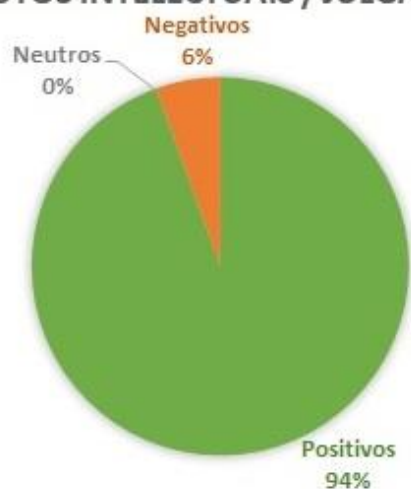


Gráfico 5 Análise de trechos da matéria "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL", de Jon Nordheimer (1978)

Nos atributos sociais, fica claro o quão “bom cidadão” Ted Bundy era. Desde político republicano em ascensão, por entre seu heroísmo, referente à captura de um ladrão de bolsas, até panfletos escritos por Ted sobre a prevenção de estupro.

ATRIBUTOS SOCIAIS - JULGAMENTO (NYT 1978)	TRECHO TRADUZIDO*
“Mr. Up-and-Coming Republican”	"Sr. Republicano em ascensão"
Loved children	Amava crianças
Showed courage by chasing down and capturing a purse snatcher on the streets of Seattle	Demonstrou coragem perseguindo e capturando um ladrão de bolsas nas ruas de Seattle
Rescued a child from drowning	Resgatou uma criança de um afogamento
Worked with desperate people at a crisis center	Trabalhou com pessoas desesperadas em um centro de crises
He wanted to become an attorney or a politician	Ele queria se tornar um advogado ou um político
He wrote a rape-prevention pamphlet for women	Ele escreveu um panfleto de prevenção de estupro para mulheres

\*Trechos traduzidos pela autora.

## ATRIBUTOS SOCIAIS / JULGAMENTO

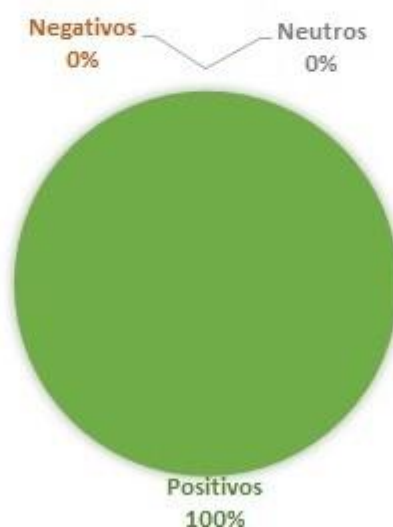


Gráfico 6 Análise de trechos da matéria "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL", de Jon Nordheimer (1978)

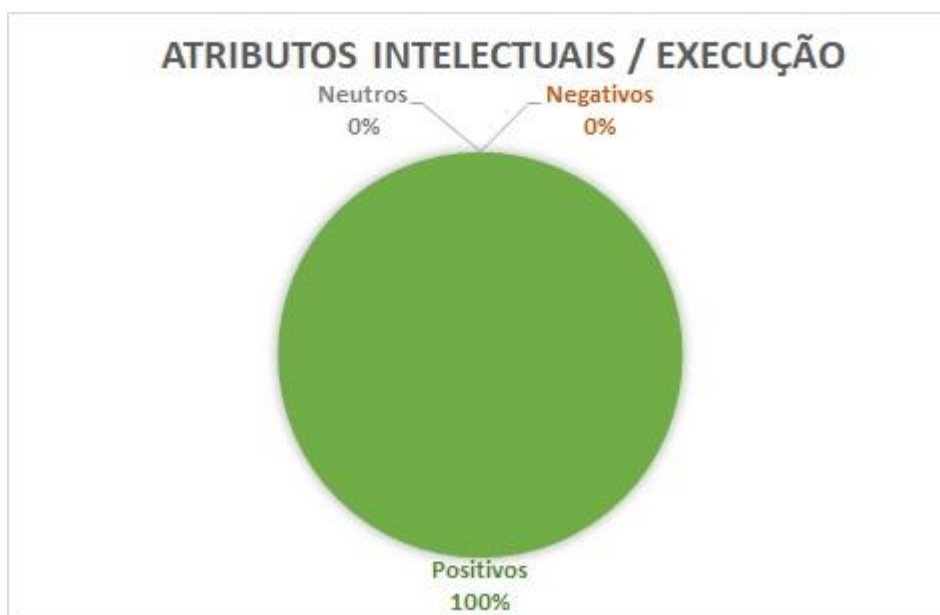
### Matéria 2: "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings"

Muito similar à análise da primeira matéria, a segunda, referente à execução de Theodore Bundy, traz somente atributos positivos. Das 10 evidências, 100% delas são favoráveis a ele.

ATRIBUTOS INTELECTAIS - EXECUÇÃO (NYT 1989)	TRECHO TRADUZIDO*
Former law student	Ex-estudante de direito
Intelligence	Inteligência
<b>B-plus student</b>	Aluno B-plus (indica bom desempenho)
B-plus college student	Estudante universitário B-plus (indica bom desempenho)
Read poetry	Lia poesia

\*Trechos traduzidos pela autora.

Destaco o termo "B-plus student", em português "aluno acima da média", que se fez presente tanto no corpo a matéria, como em um intertítulo, evidenciando Bundy como um aluno estudioso e com um bom desempenho escolar.



*Gráfico 7 Análise de trechos da matéria " Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings", de Jon Nordheimer (1989)*

Assim como no destaque anterior, aqui temos ostentado em um intertítulo – aliás, no mesmo intertítulo – o termo “boy scout”, em português “escoteiro”, indicando um homem honesto, amigável e tipicamente ingênuo.

<b>ATRIBUTOS SOCIAIS – EXECUÇÃO (NYT 1989)</b>	<b>TRECHO TRADUZIDO*</b>
<b>Boy scout</b>	Escoteiro
Boy scout	Escoteiro
Rising figure in Republican politics in Seattle	Figura em ascensão na política republicana em Seattle (Republicano é o partido conservados americano)
Assistant director of the Seattle Crime Prevention Advisory Commission	Diretor assistente da Comissão Consultiva de Prevenção do Crime de Seattle
Wrote a pamphlet for women on rape prevention	Escreveu um panfleto para mulheres sobre prevenção de estupro

\*Trechos traduzidos pela autora.

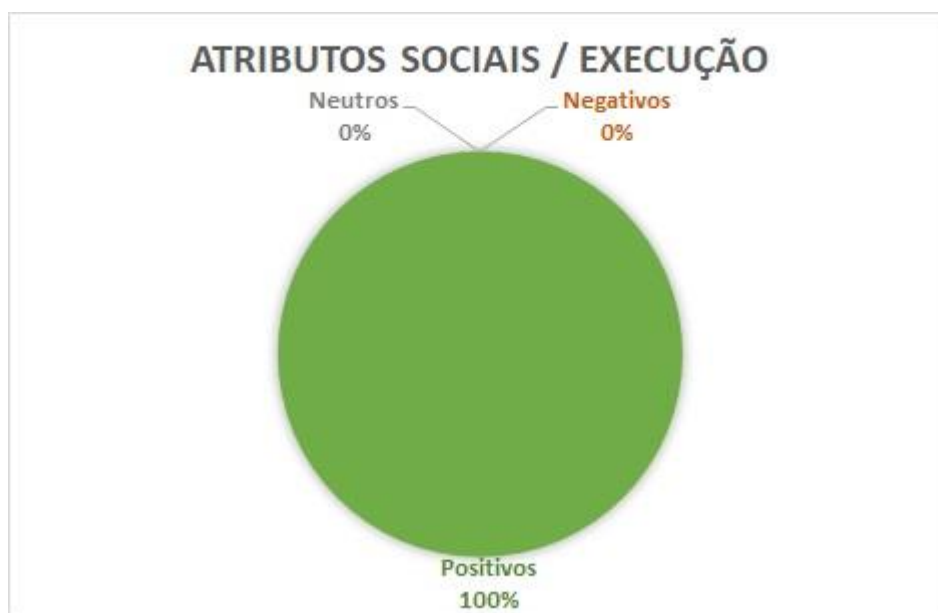


Gráfico 8 Análise de trechos da matéria "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings", de Jon Nordheimer (1989)

De maneira geral, ambas as matérias apresentam um grande número de recortes, isso é, termos sensacionalistas e especulatórios. Considerando os dados obtidos das matérias "ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL", e "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings", o total de recortes positivos atinge 81% e 69%; os recortes negativos, 10% e 23%; e os neutros 9% e 8%, respectivamente. Concluindo que, embora haja nuance entre as duas matérias, os termos positivos seguem se sobressaindo dos demais na narrativa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já dizia o escritor franco-argelino Albert Camus em sua obra *O Mito de Sísifo*: “Começar a pensar é começar a ser atormentado”. E, de fato, é. O trabalho aqui exposto deriva de diversas divagações e indagações ao longo de três (quase quatro) anos sobre o caso Ted Bundy e sobre como a mídia abordou o assunto. Não somente sobre o *The New York Times* mas, também, diversos outros jornais que se posicionaram de maneira com que um homem, que matou inúmeras mulheres, saísse como o “mocinho” da história. Isso, para mim, não é jornalismo de verdade. Dito isso, vamos aos fatos.

Os propósitos deste trabalho eram: analisar se o jornal estadunidense *The New York Times* espetacularizou o julgamento e a execução de Theodore Robert Bundy, valendo-se do sensacionalismo. Também, contextualizar o caso e sua cobertura jornal sobre o escolhido; refletir sobre o sensacionalismo e espetacularização dentro da imprensa; identificar características do jornalismo de sensações na cobertura do caso Ted Bundy pelo jornal já mencionado; e apontar alguns traços do jornalismo policial.

Para tal, a partir do ponto de vista de Eduardo Veloso Fuccia, estudamos o jornalismo policial. Logo no começo do capítulo, comentamos sobre a procura pelo jornalismo policial ser descaradamente maior que qualquer outro ramo jornalístico. Para sustentar a afirmação, trazemos a experiência própria de quem atua como repórter de um jornal de interior, onde, não importando quantas matérias são redigidas por dia, as que sempre geram mais repercussão são as de casos caricatos e excêntricos, geralmente envolvendo crimes.

Outro ponto analisado, foi a falta de conteúdo para tal especialização jornalística e a falta de profissionais que realmente conheçam a área. Embora seja um espaço para uma narrativa livre, como sempre, o bom senso deve se fazer presente, principalmente em casos de violência de cunho sexual. O bom senso seria o de não divulgar, por exemplo, o(s) nome(s) da(s) vítima(s). Posto isso, trago ambas as matérias de recorte, do *The New York Times*, que trivialmente e inúmeras vezes dá nome e rosto às vítimas de Bundy e conta sobre seus ataques em detalhes meticulosos.

Como pontuamos no capítulo quatro, quando se fala de sensacionalismo, falamos de manipular informações e apresentá-las em um formato exagerado. A

palavra *sensacionalismo* é ordinariamente utilizada para definir matérias que estimulam respostas emocionais no leitor, ou seja, desencadeiam ansiedade, felicidade, tristeza, dor e uma variedade de outras emoções.

As narrativas de sensações são construídas sobre fatos que aludem ao curioso e que produzem familiaridade ao mostrar proximidade ao leitor, tudo isto com uma forte carga emocional que torna o receptor vulnerável. Essa afirmação é muito presente na escrita do jornalista norte-americano Jon Nordheimer. Tanto em 1978 quanto em 1989, o autor descreve os ataques cometidos pelo *serial killer* em detalhes, com nomes, sobrenomes, idades, locais e situações em que os atos ocorreram, o que, de certa maneira, bota o leitor em um “transe” e o mantém compenetrado no texto.

A partir de todo o estudo, colocações e análises (tabelas e gráficos) desenvolvidos neste trabalho, podemos afirmar que:

- O jornal The New York Times traçou uma linha bem apelativa a favor de Ted Bundy na matéria “ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL”, de 1978, que se refere ao julgamento do sujeito;
- O mesmo acontece na matéria "Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting a Trail of Killings", de 1989, que se refere à sua execução. A quantidade relativa de termos negativos aumentou, comparados à matéria anterior, entretanto, continuam minoria frente aos recortes positivos;
- Termos de violência, medo, pânico e terror utilizados são praticamente os mesmo em ambas as matérias, com grandes destaques e detalhes as descrições dos ataques cometidos pelo *serial killer*;
- Tais detalhamentos, conseqüentemente, apelam para o jornalismo de sensações, descrito no capítulo quatro, que envolve o receptor ao enredo do fato;
- O jornalista Jon Nordheimer, através do The New York Times, utiliza, e muito, de adjetivos e descrições sobre a aparência, personalidade e atributos sociais e intelectuais de Ted Bundy, favoráveis a uma visão “perfeita” do réu;

Após as leituras, desenvolvimento, reflexão e análise do trabalho, podemos afirmar que sim, o caso do *serial* killer foi espetacularizado e sensacionalizado dentro do jornal norte-americano The New York Times, perante as matérias do jornalista Jon Nordheimer sobre o julgamento e a execução de Theodore Robert Bundy, entre os anos de 1970 e 1990.



## 8 REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

BALLONE, GJ. **Personalidade Criminosa**, in. PsiqWeb, internet, disponível em [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br), revisto em 2015. Acesso em: 04 ago. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

CASOY, Ilana. **Serial Killers: Louco ou cruel?** Dark Side: Rio de Janeiro, 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FUCCIA, Eduardo Velozo. **Reportagem Policial. Um Jornalismo Peculiar**. Editora Record: Brasil, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCggnC/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 5 de nov, 2021.

ISENBERG, S. **Women who love men who kill**. iUniverse. 1991/2000. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/shadow-boxing/201910/girls-who-love-ted-bundy>. Acessado em 11 set, 2020.

KENDALL, Elizabeth. **The Phantom Prince: My Life with Ted Bundy** (Updated and Expanded Edition). Abrams Press: Estados Unidos, 2019.

LEE, Matthew R. & DEHART, Erica. **The Influence of a Serial Killer on Changes in Fear of Crime and the Use of Protective Measures: A Survey-Based Case Study of Baton Rouge**. Estados Unidos, 2007.

LONGHI, Naiara. **Sensacionalismo e Jornalismo Popular: um estudo de caso**. Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

**Louise Bundy: Biography**. IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm2235235/bio>. Acesso em: 05 ago, 2021.

MARTINEZ, Francisco Sánchez. **Os meios de comunicação**. Brasília: In: Ministério da Educação Medianamente! Televisão, cultura e educação, 1999.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2011.

Michaud, S.G. & Aynesworth, H. **The Only Living Witness**. Authorlink Press, 1999.

NORDHEIMER, Jon. **All-american Boy on Trial**. The New York Times, Estados Unidos, 10 de dezembro de 1978. Páginas 486, 516, 518, 520, 521, 522, 523, 524, 526.

NORDHEIMER, Jon. **Bundy is put to death in Florida after admitting trail of killings**. The New York Times, Estados Unidos, 24 de janeiro de 1989. Páginas 1, 20.

ROMER, Daniel; JAMIESON, Kathleen Hall & ADAY, Sean. **Television News and the Cultivation of Fear of Crime**. Estados Unidos, 2003.

RULE, Ann. **Ted Bundy: Um Estranho ao Meu Lado**. Darkside: Estados Unidos, 1986.

SCHECHTER, Harold. **Serial Killers: Anatomia do Mal. Entre na mente dos psicopatas**. DarkSide: Estados Unidos, 2013.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no Século XX**. São Leopoldo, Unisinos, 2001.

VIGGIANO, Giuliana. **Conheça Ted Bundy, serial killer que usava o charme para atrair vítimas.** Galileu, ago. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/08/conheca-ted-bundy-serial-killer-que-usava-o-charme-para-atrair-vitimas.html>. Acesso em: 26 jul, 2021.

YOUNG, D. **Police Journalism in the United States.** 1929. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 146(1), 128–134. doi: 10.1177/000271622914600113. Disponível em: <https://sci-hub.mkxa.top/10.1177/000271622914600113>. Acessado em 18 ago, 2021.

Wilson Corrêa da Fonseca Jr. Análise do discurso escrito por Eduardo Manhães. In: Duarte, J. & Barros, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** SP: Atlas, 2006.

## 9 ANEXOS

## 9.1 Anexo A: ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL (10 de dezembro de 1978)



Bundy is captured after eight days of hiding in the woods after his first prison escape.

Debra Kent vanished in Utah, 1974.

Margaret Bowman, clubbed to death

In 1974, Laura Aime disappeared.

Caryn Campbell, an alleged victim.

Lisa Levy, another clubbing victim.

Melissa Smith disappeared in Utah.

## ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL

**By Jon Nordheimer**

From the beginning, there was a basic contradiction in the strange case of Ted Bundy. The moment he stepped into the courtroom in Utah three years ago to answer a charge of kidnapping, those who saw him for the first time agreed with those who had known him for all of his 28 years: There must have been some terrible mistake. Here was a young man who represented the best in America, not its worst. Here was this terrific looking man with light brown

*Jon Nordheimer is Miami bureau chief of The New York Times.*

Some say that Ted Bundy is the most prolific mass murderer in American history; Bundy claims he is the tragic victim of a tangling web of circumstances.

hair and blue eyes, looking rather Kennedyesque, dressed in a beige turtleneck and dark blue blazer, a smile turning the corners of his lean all-American face, walking almost jauntily before the judge, but free of any extravagant motion that could lead one to think a swaggering — even dangerous

— personality existed beneath that casual, cool exterior.

He seemed so relaxed in the courtroom, which some onlookers explained was natural for a young man with two years' experience in law school. He joked with local newsmen that the eight weeks he had been held in jail in Salt

Lake City before being released on bail had been a useful experience for one studying the law, that it had given him new insights for improving the criminal justice system. "We can start with the bail-bond system," he laughed, engaging in light banter that was warm, friendly and not the least bit defensive.

Just two years earlier, Bundy had been known in his home town of Seattle as "Mr. Up-and-Coming Republican."

The trial was welcome, the law student had told the reporters. "I want to clear my name. I want it all out in the open. I want it aired."

While the judge and defense attorney and prosecutor huddled in a conversation over a (Continued on Page 110)

The New York Times

Published: December 10, 1978  
Copyright © The New York Times

## TED BUNDY

Continued from Page 46

date for the trial, Ted Bundy sat in a chair behind the defense table, calmly concentrating on the open pages of a thick book held in his hand, Solzhenitzyn's "The Gulag Archipelago."

That trial was three years ago, and it led to his conviction for the kidnapping of 17-year-old Carol da Ronch. Now, two jail breaks later, Ted Bundy sits in a maximum-security cell in Tallahassee, Fla., involved in another trial. In the old Leon County Courthouse, the prosecutor will accuse Ted Bundy of being the masked intruder who last winter slipped into the upstairs rooms of the Chi Omega sorority house on the Florida State University campus, and in a burst of madness used a tree limb to savagely smash the heads of four young women asleep in bed, raping and strangling the life out of two of them, then racing a few blocks to the apartment of an art student and beating her nearly to death before the murderous frenzy was spent.

The state's case against him in the Tallahassee murders apparently is based on one important piece of evidence of a kind rarely introduced in a court of law. The prosecution's star witness is a forensic odontologist, Dr. Richard K. Sovi, of Miami, who has publically stated that he can prove that the bite marks inflicted on one of the dead students were made by the suspect. "No two grains of sand are alike," the dentist said at a recent seminar of clinic pathologists, "and no two fingerprints are alike. The same is true about teeth."

A source close to the case claims that the prosecutor will also attempt to inform the jury that the intelligent, amiable defendant seated before them is also a suspect implicated in the sexual murders of at least 18 or perhaps as many as 36 young women across the country; if these accusations are true, he is one of the most prolific mass murderers in the history of the country. Eighteen murders is more than Richard Speck and Charles Manson combined. More than the victims of L.A.'s Hillside Strangler, more than Tampa's Red Light District Strangler, more than the senior-citizen killer in Georgia, and more than those claimed by the Zebra Killer of San Francisco,

the Pied Piper of Tucson, the Texas Tower Sniper, the Boston Strangler and New York's Son of Sam.

The stereotype of mass killers—with minds bedeviled by tumors or hallucinations—is all too familiar to the American public. They were the drifters, the malcontents, the failures and the resisters. Ted Bundy, for all appearances, no way resembled any of them. He had all the personal resources that are prized in America, that guarantee success and respect. He loved children, read poetry, showed courage by chasing down and capturing a purse snatcher on the streets of Seattle, rescued a child from drowning, loved the outdoors, respected his parents, was a college honor student, worked with desperate people at a crisis center and, in the words of one admirer, "Ted could be with any woman he wanted—he was so magnetic!" He wanted to become an attorney or a politician, to do something with his life to help others.

"For God's sake," exclaimed a man who had known the young Ted Bundy before his world was turned upside down by that first criminal charge in Utah, "he was so well thought of that he was the assistant director of the Seattle Crime Prevention Advisory Commission the same year all the killings started!" In that office, he wrote a rape-prevention pamphlet for women.

There used to be a lot of people in Seattle and elsewhere, who believed that Theodore Robert Bundy himself was the victim, a bright young man drawn inexorably into a menstros web of circumstances by a jealous fiancée, and then hounded by conniving police investigators, ambitious prosecutors and lazy journalists, all of whom loved his case and warmed to the idea of piling one charge on top of another, making it bigger and more sensational. Bundy, himself, in an exchange of correspondence with this writer after authorities in Tallahassee prevented a face-to-face interview at the jail, vented his anger at a system that he said convicted him in the press before he had the chance to face his accusers and their meager evidence in a courtroom. The man who three years earlier had professed confidence at the chance to clear his name, and lectured his supporters on the soundness of the criminal justice system, wrote to *The New York Times*:

"I am sick and tired of publicity, no matter how neat the format or prestigious the pub-

lication. The articles about me . . . all tend to read remarkably alike. I can only marvel at the singular lack of originality among journalists. The did-he-or-didn't-he articles have become tiresome, since there is invariably left the lingering inference: How could he not have? With the relentlessness of a starfish set upon prying open a clam, *The Times* moves toward the publication of a story, and all this clam wants is a word or two before dinner time. I have never had the opportunity to address myself fully to all the accusations, inferences, innuendos, rumors and suspicion ad nauseum. What has irked me about the stories written on my case is that anyone with a badge or a bachelor of arts degree is considered an expert on Theodore Bundy and what makes him tick. Prosecutors, policemen, journalists, old girlfriends, friends and family of the victims, psychologists, psychiatrists, ex-roommates, former teachers and defense attorneys have all ventured opinions, observations and assorted drivel about this mysterious creature. I think it's my turn. I am, after all, the ultimate Bundy expert."

□

The first to die was Lynda Ann Healy.

On the night of Jan. 21, 1974, the slender 21-year-old University of Washington student vanished from her rented room in the urban district surrounding the 37,000-student Seattle campus. Thirteen months later, university forestry students walking near the base of Mount Taylor, in the rugged countryside east of the city, discovered a shallow grave. In it was the jawbone of Miss Healy, along with the bones of two other young women. This discovery had come a few months after two grouse hunters stumbled across the remains of three time-ravaged corpses among the bright fall foliage of trees along Interstate 90, about 10 miles from the burial sight at Mount Taylor. The discoveries horrified Seattle and the state, where a growing number of women fitting the same general description of age and looks had mysteriously disappeared in the first six months of 1974.

Washington, with a relatively homogeneous population, has a low crime rate, and Seattle is considered one of the nation's safest metropolises. Last year there was not a single report of rape on the U.W. campus and there are few rapes of women hitchhikers. There was fear in 1974, how-

ever, caused by what the press in the city called the "Ted Murders" long before the name of Theodore Bundy ever entered the case. On July 14, 1974, a Sunday, two university students, Janice Ott and Denise Maslund, suddenly vanished about three

hours apart while with friends at Lake Sammanish Park, where Frisbee throwers and beer drinkers from the summer session at the university spent weekends. Witnesses later recalled seeing a clean-shaven young man, whose arm was in a cast held in

a sling, approach several young women sunbathing beside the lake at the park, including Miss Maslund, and ask for a helping hand with his small sailing dinghy. According to those witnesses, this stranger spoke with a British or Canadian accent, drove a

brown Volkswagen, and called himself "Ted."

Investigators noted the resemblance to the disappearance that spring of young women from campuses at Evergreen State College in Olympia, Central Washington State in Ellensburg and Oregon State University, across the state line. There had been a description given of a young man whose brown hair and medium build had resembled that of the Lake Sammanish "Ted" — he had been seen on campus, an arm in a sling having trouble carrying his books and asking for help.

Identification of six missing women was possible, but little else remained at the gravesite to supply clues to the cause of the deaths and the individual responsible. It was not known if the bodies had been dismembered or if wild animals had carried away the remains. There have never been formal charges of murder in these crimes, according to Capt. J. N. (Nick) Mackle, Seattle homicide investigator, nor is there ever likely to be. The trail was long-cold by the time the name of Ted Bundy entered the case more than a year after the last of the Seattle murders.

A woman that autumn had telephoned the King County police and said she thought that Ted Bundy might be the "Ted" suspect in the killings. The police added the name to a list of 2,877 suspects in the case. They also did one thing more. A telex message was sent to the police in Utah, saying that Theodore Robert Bundy, a possible suspect in the Seattle murders, was now believed to be residing in Salt Lake City.

The Utah authorities were more than mildly interested in the information. While the Seattle crimes had ended abruptly in midsummer of 1974, by early fall young women were mysteriously disappearing in Salt Lake City and its suburbs. On Oct. 2, a 17-year-old waitress disappeared from her North Salt Lake home and was never found. Two weeks later, Melissa Smith, the 17-year-old daughter of the Midvale police chief, vanished while walking to a pizza parlor. Her nude and battered and sexually assaulted body was found nine days later. On Nov. 8, 17-year-old Debra Kent left a play at Bountiful High School to pick up a younger brother at a skating rink. She never reached her car in the school parking lot, and was never seen again. In the town of Salem, Laura Aimee, 17, vanished on Nov. 27, and a week later her nude body, with a nylon stocking tied around her neck in the same way one had been used to strangle Melissa Smith, was found dumped in the rough countryside.

The same night that Debra Kent disappeared from the school parking lot, Carol Da Ronch was kidnapped from a shopping mall several miles away, in the case that resulted in Bundy's only conviction so far. But it took a year to make the arrest.

According to Miss Da Ronch, a polite man approached her as she

(Continued on Page 118)

The New York Times

Published: December 10, 1978  
Copyright © The New York Times



Continued from Page 114

abducted, identified himself as a police officer, and asked her to accompany him to the parking lot on some official pretext. When they got outside, she got in his Volkswagen, and, after they had driven out of the lot, he suddenly slipped handcuffs on one of her wrists. She began screaming and the driver ordered her to keep quiet. Miss DaRonch, crying hysterically, managed to open the car door and leap out, hailing a passing auto as the driver of the Volkswagen sped off into the night.

The Utah police now seemed to have a living witness. The next day, Miss DaRonch was shown a photograph of Ted Bundy, taken from state driver-license files. "No," she said, shaking her head, "that's not the man." That was one of three times in which witnesses failed to identify Bundy. Nearly a year later, however, she did identify Bundy in a police lineup as her abductor.

□

His arrest in Salt Lake City took place in August 1975, in a suburb southwest of the city. A state police officer later testified that he was returning home at 2 A.M. from his shift and noticed a tan Volkswagen parked on a dark side street, lights out, with a man seated behind the wheel. When the trooper pulled his cruiser behind the other car, and flicked his high beams on it, the Volkswagen's engine started and the car sped away. The trooper caught it after a short chase and pulled it over. Inside the car was Ted Bundy, who identified himself as a university law student. What was he doing on this street at this hour? He had been to a late movie, was driving home, felt drowsy, pulled off the highway and fell asleep. What was the name of the movie he saw that night? "The Towering Inferno," Bundy replied.

The trooper looked at the law student. He was dressed in a black turtleneck, Levis and sneakers. There was something funny about the car. The passenger seat had been removed and placed in the back. The trooper looked inside the glove compartment, stood back up and arrested Bundy on the spot. Inside the compartment were an ice pick, a ski mask, a nylon stocking with eye and mouth holes. And a pair of handcuffs.

No theater in Salt Lake that night was featuring "The Towering Inferno," the trooper soon learned. The suspect changed his story. He had

really been smoking marijuana in his car, was befuddled and panicked when a strange car suddenly pulled up behind him, and he sped away to ditch the incriminating evidence. The ski mask and nylon stocking were used for skiing, of course. One of the reasons he chose to study in Utah was the great ski areas, and the river-rafting available on the other side of the massive Wasatch Range. And the handcuffs? Easy — he was a security officer at the university.

Ted Bundy that day was charged with fleeing from a police officer. Nothing more. But less than two months later, Oct. 2, 1975, he was picked up and charged with the kidnapping of Carole DaRonch.

□  
Bundy's defense lawyer in the kidnapping case called a psychologist considered expert in the field of "eyewitness" testimony who stated that such recollections cannot be trusted, especially if the event involves extreme stress and the identification takes place after a lengthy passage of time. Despite the defense testimony, he was sentenced to a prison term of one to 15 years on the charge of kidnapping in the second degree, which many people in the state considered uncharacteristically light in view of the case against Bundy they had been reading about in the newspapers.

Capt. Pete Hayward, coincidentally the brother of the arresting officer, was the man in charge of investigating the rash of murders in Utah. He was asked if Bundy was a suspect in those cases. Hayward said that there was no physical evidence to link Bundy with those crimes, but there was inferential evidence.

The Utah murders stopped in November, but by the beginning of 1975 young women in the neighboring state of Colorado began disappearing one a month, their sexually abused and beaten bodies later turning up in remote ravines and a mine shaft. As with the seven murders in Seattle, investigations into the four suspected homicides in Utah and the five in Colorado had not yet led to any arrests.

□

In November 1975, about 30 police investigators from five Western states met in a Holiday Inn in Aspen, Colo., to discuss the remarkable case of Theodore Bundy. In addition to the brutal sex slayings in

Washington and Utah, the suspect was now being linked to the Colorado deaths. A check of his Chevron gasoline credit card showed him buying gas on the same days and in the same communities where three young women had vanished — two of whom have never been seen since. Taking these cases, plus the murders of two other young Colorado women, the police compared the facts with the Utah and Washington slayings and came up with what the group in the motel believed was a convincing track of one killer.

• Those bodies that had been recovered were naked and had been struck savagely on the back of the head or neck.

• Those bodies recovered relatively intact showed signs of sexual assault and mutilation.

• All the victims were teenagers or in their 20's, and all tended to fit the same physical description: pretty, with long brown hair parted in the middle, slim to medium-sized, and all had pierced ears.

• Hairs taken from Bundy's car were found to be "microscopically indistinguishable" from the hair samples of Melissa Smith in Utah and a victim in Colorado.

The evidence was slim, little of it could be introduced as evidence into a court of law, but the lawmen left the meeting convinced they had their man.

Nevertheless, it took until Oct. 21, 1976, for an arrest warrant to be issued for the murder of Gurn Campbell, a 24-year-old nurse from Michigan who, on vacation at a ski resort between Aspen and Snowmass, vanished while returning to her room to get a magazine. Her nude body was found a month later, three miles down the mountain, buried in the snow.

The prosecutor told the grand jury that he had a witness who could place Theodore Bundy in the ski lodge on the night of the murder. That testimony, plus the Chevron charge record that placed Bundy in Aspen the day of the murder, and the hairs found in his car in Utah, produced a charge of murder in the first degree.

square-foot ceiling panel, a feat made possible by the dramatic loss of weight that had been dismissed by the jailers as just another attempt by the prisoner to get special food privileges.

This time, he got beyond the mountains before the roadblocks were set up. He headed east by bus to Chicago, went on to Ann Arbor, Mich., where he tried to lose himself in the anonymity of the sprawling University of Michigan campus. For a reason that still remains a mystery, he did not stay there. He left Michigan on another bus, heading south to Atlanta. By the second week in January, he was in Tallahassee, taking a room in an off-campus structure that had been converted into a rooming house. Arriving in town at about the same time was a flyer from the Federal Bureau of Investigation, naming him to the list of its 10 most wanted fugitives, saying he was wanted for questioning "in connection with 36 similar-type sexual slayings throughout several Western states."

His room was two blocks from fraternity-sorority row. One of the sorority houses belonged to the Chi Omega chapter, an impressive two-story structure of glass and stone. Late on the night of Jan. 15, a shadowy figure wearing a ski mask slipped into the rear door of the sorority, carrying a stubby limb of an oak tree, and made his way up the stairs to the second floor, where most of the sorority sisters slept. Less than an hour later, a young woman who had just returned from a late date came screaming down the stairs. "Help! Help!" she screamed, waking up the others in the building and bringing lights winking on in the neighborhood. "For God's sake, help!" the young woman screamed again. "They're all dead."

□  
"So eager is everyone, both friend and foe, to get a solid handle on my psyche that they will advance all manner of superstitious poppycock," the prisoner wrote this summer. "The police, for example, have purchased a lot of stock in the theory that my being born out of wedlock holds the key to the mystery — as if everyone who arrives in this world without benefit of married parents automatically qualifies as a psychopathic killer."

Almost all studies of the sexual psychopath turn up evidence of an absent father figure during early childhood, or



Aspen. He was seen by some skiers, already deeply imbued with less than a respect for local authority, as an attractive, intelligent man who possessed far more competence and dash than his jailers. Bundy insisted on acting as his own lawyer, and he spent the spring flooding the court with a series of motions, which the judge allowed, providing him with the resources to prepare his own defense. He got his own telephone credit card, issued and paid for by the state, to use ostensibly for gathering pertinent information from outside the state. He was provided with law books and had access to the law library. He was allowed to have special health foods when he objected to the routine jail fare. He joked good-naturedly with his jailers, who admitted they liked his humor and brightness. They began to take off his manacles and leg irons for court appearances.

One sunny May morning he escaped.

He had been led to the law library during a short break in a pretrial hearing. His guard stood at the library door. When the time came to return to the courtroom, the guard could not find his ward. Bundy had jumped 30 feet to the ground from an open window.

The sheriff was humiliated and the guard was suspended, and the town of Aspen reacted as if Bundy were some sort of modern Robin Hood instead of a suspected mass murderer. A folklore sprang up out of the thin Rocky Mountain air. Young people started wearing T-shirts with inscriptions like "Ted Bundy Is a One-Night Stand." A local restaurant offered a "Bundyburger" consisting of nothing more than a plain roll. "Open it and see the meat has fled," a sign in the restaurant said. Late at night, the young people of Aspen shouted into the frosty air, "Bundy lives . . . on a Rocky Mountain high!"

John Brown, his defense attorney in Utah, described the escape as an impetuous act. "He was just a middle-class citizen who went to law school and believed in the system," he commented at the time. Now, he said, Ted Bundy believed the system was his implacable enemy.

He was captured after eight days, caught while trying to run a roadblock on a mountain pass. Haggard and hungry, he had hidden in abandoned shacks and chalets on Smuggler Mountain. His jailers were not amused, nor was the judge, embarrassed by the criticism that he had been

manipulated by the wily defendant. Some of the privileges were dropped. Bundy was placed in a metal-plated maximum-security cell in the jail at Glenwood Springs.

The pretrial hearings proceeded, and the state failed to win approval to introduce the DaRonch kidnapping as evidence to be used against the defendant. Under the doctrine of similar transaction, a valid legal concept, a prosecutor can link a defendant in one case to another crime only if the second crime bears the "signature" of the first. The "signature" must be identical and not merely resemble it superficially. If, for example, a killer leaves an unmistakable clue at the scene of two crimes, or the same scrawled message, or mutilates the body in an unusual way, these can be considered "signatures." Though there were similarities in the crimes against women that Bundy had been implicated in circumstantially, no one has yet produced a "signature," a fact that has left hundreds of law-enforcement people frustrated, and has left Bundy wondering how far some investigators might go, because of their belief in his guilt, to manufacture evidence against him.

As the summer passed and the mountains filled up again with snow, Bundy filled up the court with new motions, even going to Federal court to complain that he was being kept under inhumane circumstances at the jail, held in isolation in a badly ventilated cell, and given meals so inadequate that he had lost 20 pounds. The mood of the court suggested the authorities would not be manipulated again. The motions were turned down.

And on the defendant's request for a change of venue, saying that he could not get a fair trial in Aspen because of the pretrial publicity, the judge transferred the case to Colorado Springs, the home town of the special prosecutor brought into the case, a jurisdiction boasting of the highest number of men sentenced to die in the gas chamber.

The order came just before Christmas. "My Christmas present from the court," Bundy told a friend by telephone, "a guaranteed death sentence."

The transfer to Colorado Springs was to take place early in January. But on New Year's Eve, as the ski resorts in the area rang with the songs of revelers, Ted Bundy escaped for the second time. He had slipped out of a one-

a temper, but it is not a violent one. So many of his good qualities have now been turned into evil ones because people think he is guilty. He's very bright, so now that has been turned into 'evil genius.' His wit has been turned into an act of cynicism by people repelled at the thought of a so-called 'killer' having a sense of humor. If someone accepts his guilt, then every extraneous piece of information developed about him takes on a negative cast. He's very conscious of not wanting to vegetate, finding himself altered by prison life. He has already undergone a pretty shocking transformation from a Dan Evans Republican to being a fugitive."

□

The constant theme running throughout Bundy's psychiatric testing was a view of women as being more competent than men. According to his psychiatrist at the Utah State Prison: "There were indications of a fairly strong dependency on women, and yet he also has a strong need to be independent. I feel this creates a fairly strong conflict, in that he would like a close relationship with females but is fearful of being hurt by them. There were indications of general anger and, more particularly, well-masked anger toward women."

But this might describe thousands, perhaps millions of males in a society that has been subjected to enormous pressures as the family has disintegrated, and divorce, remarriage, working women, single heads of households and general rootlessness have changed the way children grow up. Just as obviously, these conditions do not predict the disturbed personalities; there are numerous other compensations that can come into play and offset the harmful effects, and for every disturbed child who fits into this category, there are thousands who survive the pressures and lead normal, happy lives. But given the seeds of a problem in a child, then expose him to the confusing mixture of violence and sexual aggression offered by the media, and is the result a growing pool of personalities capable of brutal acts? "The postwar baby-boom generation is the first generation in the history of the world to grow up with television and the killing-type shows that were prevalent in the '50s and the '60s," Dr. Lunde observed. "Mix in the fact that we have more absent fathers, and the inevitable conclusion is that we have a greater number of



a physically abusive parent. There are deeply felt feelings of personal failure and self-hate, though these might be hidden from the world, and strong and repeated fantasies of revenge and power. For reasons that are not easily explained, notions of virility are expressed through violence. "When a man commits a violent crime, it is invariably founded on his unconscious feeling that he must show his mother that he is not insignificant and is able to take revenge upon her for rejecting him," writes David Abrahamson, noted authority on murder. "In some way, usually in early childhood, the individual confuses sex with violence." And in another letter: "My response to inquiries concerning my birth without benefit of married parents is not perfunctory. It's being alive and how I am treated by those close to me that counts, and not the single physical act that resulted in my conception. I have always had a curiosity as to the identity of my biological father, but have never had the time or inclination to indulge that idle curiosity. My parents loved me and raised me, that's what matters, and this reaction of mine is hardly perfunctory. Nor is it necessary to defuse this issue, since it is not fusible in the first place. There is simply no correlation between persons who are labelled as 'illegitimate' and violent behavior. But even if there were, such an explanation would not apply to me, since I have never been a person capable of violent behavior."

He was born in a home for unwed mothers in Burlington, Vt., on Nov. 24, 1946. His mother was a young woman from a proper Philadelphia family who was left pregnant by a returning war veteran who deserted her. But she carried the baby home to her father's house, presumably having to undergo all of the humiliation that entailed. When the boy was 3 years old, she moved across the country to start a new life with him with the help of relatives in Tacoma. By the following year, she married John Bundy, a diminutive and mild-mannered North Carolinian who had settled in Washington after the war to work as a cook in an Army hospital. The marriage produced four half-sisters and -brothers for Ted.

Louise Bundy is an intelligent and strong woman. The anguish of the last three years has left its mark, however, and she visibly sags when she is asked the hated little ques-

tions that she knows are designed to ferret out information that might explain her son to a world horrified by the acts for which he stands accused.

"All the psychiatric tests show he is not insane," she says warily, brushing back the thin gray bangs that cover her high forehead. "He was just a typical normal kid, a Boy Scout and a little bit above average in school. We have no explanation for why things happened as they did. Sooner or later, it will straighten out. Not a person who knew Ted well can believe he did it."

She lovingly shows off his picture placed in the living room with photographs of the brothers and sisters who continue to adore him despite the painful notoriety that has visited the house. There's Linda, the half-sister closest to him, her face framed by lovely brown hair; Glen, who recalled how the family ate dinner together every night and attended Methodist Church services every Sunday; and the two younger children who had nothing but hero worship for their oldest brother.

When his mother is asked what Ted was told when he asked about his real father, she stiffens and says he never asked her a question about that, not once.

"But surely a child who never knows a real parent expresses an interest in some point in his development. Why shouldn't Ted?"

"That was put away and forgotten; it had all taken place so long ago, and the question never came up," she explained, leaving the impression that questions about the subject had never been welcomed.

"We had such a good life going for us here," she said. "If anyone had ever hinted at anything like this happening to us, we'd all laugh. Now the only reason we're still holding our heads up is our faith, our faith in God and Jesus Christ sustains us and always will; there's just no getting around it."

Thirty miles to the north in Seattle, a handsome woman in her early 30's curls a lithe body in a hotel-room chair. She, a sometime girlfriend, also loves Ted Bundy and has great faith in him. "I'm an agnostic and I don't believe blindly in causes or people," she says in a direct fashion that comes from her experience in directing an office in state government. "I know Theodore well. I know how his mind works. His faults are not serious ones, but charming human qualities. He does have



*Bundy argues a legal point as he assumes his own defense.*

boys growing up with the possibility of this kind of disturbance. If we get enough of these elements coming together, does it make for some kind of critical mass? Are these the seeds of a terrible explosion?"

□

Growing up in Tacoma, never expressing more than a cursory interest in "my biological father," Ted Bundy in the view of family and friends had a completely normal childhood. But on closer study, it seems equally clear that he was a loner. When the psychiatrist doing the evaluation of him in the Utah prison inquired why he had not broadened his social activities at the junior-high-school level, as his friends were doing at that time, he answered that he felt "apprehension toward establishing new relationships," and that he was "just as secure with the academic life." He went to parties, engaged in some kissing and petting, but he did not date until his senior year at high school. "He indicated that while in the 12th grade, his 'social deficits were

cured,' he had 'neutral feelings about girls,' and he indicated he had no inhibitions or fears but just a lack of motivation toward dating," the psychiatrist's report stated.

In college, he "had a longing for a beautiful coed but 'I didn't have the skill or social acumen to cope with it.'" He studied China to "gain a position of authority to improve the relationships between the U.S. and China," but later changed to urban studies to help change the plight of the poor, he told friends. He met a young woman from a wealthy San Francisco family who was his first "real involvement," but felt quite insecure in the relationship and said they were "worlds apart." He dropped out of school to ski, work and, in January 1969, go to live with his mother's sister in Philadelphia and attend Temple University for a semester. There were indications he tried to trace his real father while he was there, but failed. He returned to Washington, worked in a lumber mill, re-entered the University of Washington, and was gradu-

ated with honors and a degree in psychology in 1970.

He was stung by rejections at the law schools where he had applied, and was forced to enter the new School of Law at the University of Puget Sound in his home town, while continuing to live in the university district in Seattle. That winter the "Ted" murders began. He dropped out of school in the spring semester, losing his credits, and entered law school in Utah that fall, but had a difficult adjustment and attended only a few classes, managing to get fairly good grades nonetheless.

□

The man in the ski mask who entered the Chi Omega sorority house on the night of Jan. 15 was beside himself with hate, because what took place there that night cannot in any way be described as lust. The four women in upstairs bedrooms were attacked as they slept, a sadistic bludgeoning with an oak club that broke bones and left the two survivors with no memory of what had happened. The two women who died were strangled after being sexually mutilated. There were deep bite marks on the breast of one victim, on the buttocks of another.

"You asked," Ted Bundy wrote in a letter before breaking off the correspondence, "why I didn't get out of town immediately after learning of the Chi Omega murders. Nothing I do can possibly be interpreted innocently, can it? If,

**The New York Times**

Published: December 10, 1978

Copyright © The New York Times

**The New York Times**

Published: December 10, 1978

Copyright © The New York Times





Television cameras look on as Leon County sheriff Ken Katsaris reads the double-murder indictment to suspect Ted Bundy.

on the day after the murders, I had picked up and fled Tallahassee, you and everyone else would be asking: Well, if you weren't guilty, why didn't you stick around, you didn't have anything to be afraid of, did you? I didn't have anything to fear. I was not responsible for what happened at Chi Omega, I didn't do it, I wasn't there, so there was no reason for me to suspect that my presence alone would be sufficient to indict me for something I was innocent of. I am discouraged by human nature, yours included, as it applies to my case, because no matter what I say or do at this point, I am damned if I do and damned if I don't."

Ted Bundy did leave town later in the month, and on the night of Feb. 9, using a stolen credit card, he stayed in a Holiday Inn in the small Florida town of Lake City, about 100 miles to the east, according to an indictment against him. The next morning, 12-year-old Kimberly Leach, a pretty school girl who looked older than her years, disappeared from school in Lake City. Her sexually abused body was found in a shallow grave near Live Oak in April. Death was caused by a blow to the head, and a grand jury indicted Bundy for murder. The police found the grave after Bundy was apprehended in Pensacola on a traffic violation in February, and samples of leaves and dirt taken from the stolen van he was driving at the time were analyzed and found to point to the location.

Bundy had been forced by the trial judge to submit to the making of his teeth impressions, and Dr. Souviron told the pathologists: "They line up perfectly, exactly — it is convincing beyond any discussion whatsoever. I'm not saying that this set of teeth killed

anybody. I'm saying that these teeth made those marks." Whether the evidence will hold up in court will have to be seen. Bundy claims that his case has already been so prejudiced that he cannot possibly receive a fair trial. He elected to defend himself after the court refused his request to be represented by Millard Farmer, director of Team Defense Project Inc., a militant opponent of capital punishment. "Bundy has already been convicted of murder in Florida and sentenced to death," Mr. Farmer stormed in a telephone interview. "The only reason for the trial is to let him try and prove beyond a reasonable doubt that he isn't the murderer, which isn't possible. All the state needs to prove him guilty is to read the indictment in court."

There are several questionable decisions made by the authorities in Tallahassee that may have worked to prejudice the case. For instance, the judge ordered that Bundy could not talk with newsmen on grounds that the pretrial publicity would be damaging to his own interests. And yet, Sheriff Ken Katsaris, Bundy's jailer, had Bundy removed from solitary confinement and paraded before television cameras while the sheriff read the formal murder indictment against him.

Perhaps Ted Bundy explains it best himself in a letter to this reporter: "Let's leave the business of proving my innocence up to me, the courts, the juries, and my defense council; and the job of finding me guilty up to the guys with the 5-o'clock shadows and the black hats. I have no illusion about convincing you or your readers that I am innocent. Let them think what they will, just as long as they don't creep onto my jury." ■

**9.2 Anexo B: Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting Trail of Killings (25 de janeiro de 1989)**

# *Bundy Is Put to Death in Florida After Admitting Trail of Killings*

By JON NORDHEIMER

Special to The New York Times

STARKE, Fla., Jan. 24 — Theodore Bundy, among the most notorious killers in recent times, was electrocuted today, and about 200 people gathered outside the entrance of the Florida State Prison cheered when they heard the news.

He went quietly to his death nearly 15 years after he embarked on a trail of murder that investigators believe took the lives of 30 or more young women across the nation.

"Give my love to my family and friends," the former law student told his lawyer and a minister as guards strapped him into the wooden chair in an execution chamber separated from two dozen official witnesses by a large glass window.

He was pronounced dead at 7:16 A.M. after 2,000 volts of electricity surged through his body for one minute, prison officials said.

Outside the prison gates, the crowd cheered lustily and whooped when a signal came from the floodlit cellblock about 400 yards away, where the execution took place, that Mr. Bundy was dead.

A few opponents of capital punishment were lost in the milling crowd that had come in the predawn chill of northern Florida's piney woods to applaud the death of a man whose "boy-next-door" good looks and intelligence concealed the impulses that led him to

*Continued on Page A20, Column 3*

## INSIDE

### **New Resignation in Japan**

The head of Japan's Economic Planning Agency became the third Cabinet official to resign in the wake of a stock-trading scandal. Page A3.

### **U.S. Loses Bid to Run Union**

A Federal judge ruled that the Government did not prove that the Mafia ran a key union at the Fulton Fish Market in Manhattan. Page B1.

### **Salvador Rebels' Proposal**

Salvadoran officials objected to the main point in a rebel proposal that the insurgents said could lead to their participation in elections. Page A3.

### **Woman to Be a Bishop**

A majority of the nation's Episcopal bishops have approved the consecration of a woman, who will join their ranks Feb. 11. Page A12.

THE NEW YORK  
TIMES is available  
for home or office  
delivery in most  
major U.S. cities.  
Please call this toll-  
free number: 1-800-  
631-2500 ADVT.



## BUNDY IS EXECUTED IN FLORIDA MURDER

*Continued From Page A1*

hunt down women and murder them.

"Buckle Up Bundy — It's The Law" proclaimed one of the more tasteful placards hoisted by men and a smattering of women gathered along a two-lane blacktop road in an area set aside for them and a small army of reporters and photographers.

### 'Thought He Was So Clever'

"This is a big deal," said Carey Harper, 26 years old, of nearby Gainesville. "Some of us have waited 11 years for this moment."

His companion, Jeannine Gordon, 21, expressed a widely held view that reviled were not only Mr. Bundy's murderous acts but also his personal demeanor. "He thought he was so clever, so smart, that he could get away with his crimes," she said. "He was laughing at society in court with all of his legal maneuvering and delays."

The execution came on the fourth death warrant signed by a Florida Governor. Three of them were issued in 1986, only to be stayed while his appeals were heard in the courts.

The final warrant was for the 1978 murder of Kimberly Leach, a 12-year-old Lake City, Fla., girl who was abducted, mutilated and slain and whose body was dumped in an abandoned animal pen. He was convicted in 1980 of her killing, a year after he had been found guilty of murdering two Florida State University students who were bludgeoned and strangled as they slept in their beds in a sorority house in Tallahassee three weeks before Kimberly Leach was killed.

### Spurt of Confessions

The condemned man spent the last few days confessing at least 16 other killings to police detectives who had come here from the states of Washington, Utah, Idaho and Colorado in an attempt to clear up numerous murder investigations before Mr. Bundy was silenced by his date with the executioner. Some of the confessions were made in killings with which the authorities had not connected him, and Federal and state officials still link him to a dozen or more similar crimes since his spree began in February 1974 in Seattle.

Over the years he maintained his innocence, saying he had been drawn into a web of circumstantial evidence woven by "conniving investigators."

Finally running out of appeals that would be heard by the Federal courts, his confidence apparently crumbled. Described as "visibly shaken," he supplied the detectives with the names of victims in four Western states and the dates he killed them.

By the time he entered the death chamber shortly before 7 o'clock this morning, he appeared tense but composed, apparently resigned to his fate, according to the witnesses.

One of these, Jerry Blair, was the

sta  
tri  
re  
int  
sa  
Bl  
|  
wh  
ov  
cle  
tra  
ha  
mi  
un  
his

soi  
wr  
the  
len  
'  
thi  
soi  
doi  
'  
Pa  
ter  
mu





Tacoma Morning News Tribune/Russ Carmack

Louise Bundy at her home in Tacoma, Wash., saying goodbye by telephone to her son, Theodore Bundy, shortly before the convicted murderer was executed yesterday morning in Florida.

## Good looks and intelligence hid an urge to kill.

state prosecutor in the Leach murder trial. Mr. Bundy nodded to him in recognition as he was being strapped into the chair. "I think he was trying to say there were no hard feelings," Mr. Blair said later.

But Mr. Blair and a host of others who had worked on the Bundy crimes over the years conceded they were no closer now than at the onset to the central mystery of what had turned a handsome, articulate, urbane young man into one of the most savage and unpredictable killers in the nation's history.

### 'Killed for the Sheer Thrill'

"Ted Bundy was a complex man who somewhere along the line went wrong," Mr. Blair said. "He killed for the sheer thrill of the act and the challenge of escaping his pursuers."

"He probably could have done anything in life he set his mind to do, but something happened to him and we still don't know what it was."

The killer, who stalked victims in the Pacific Northwest in the mid-1970's terrorized several university communities, selecting coeds for abduction

from campuses at night or crowded parks in daytime when their defenses were lowered in familiar settings. Accounts of witnesses and other evidence in crimes he was believed to have committed show that he typically used his good looks and soft-spoken charm — often bandaging an arm or leg to gain sympathy or help — to lure them to their death.

He usually throttled them and then sexually abused and mutilated them before disposing of their bodies in remote areas. If the skeletons were found months or years later there was nearly always evidence of fractured skulls and broken jaws and limbs.

"This kind of mutilation reveals a hatred of the female body," said Dr. David Abrahamsen a New York psychiatrist who is an authority on those who kill people in a series and is author of "The Murdering Mind."

"The victim is not really the target," he said in a telephone interview. "The victim is a substitute, and that is why these crimes seem so random and capricious."

Dr. Abrahamsen, who analyzed David Berkowitz, the "Son of Sam" murderer who terrorized New York in the 1970's with his random slayings of young women, theorizes that when a man commits a violent sexual crime against an unknown woman the real motive is rooted in acting out "strong and repeated fantasies of revenge and power" subconsciously directed at his mother.

Mr. Bundy previously hinted that alcohol played a role in his mood swings. On Monday he tearfully told James Dobson, a psychologist and religious broadcaster who served on a Federal pornography commission, that hardcore pornography become an obsession and drove him to act out his fantasies in murder.

Theodore Robert Bundy was born to a young, single Philadelphia woman who raised him in Tacoma, Wash. But his mother, Louise Bundy, said there was never a shred of evidence in her son's first 28 years, before he became a murder suspect for the first time, to hint at any aberrant behavior.

### Boy Scout and B-Plus Student

People familiar with his early years say he was a Boy Scout, a B-plus college student; he loved children, read poetry and was a rising figure in Republican politics in Seattle. The year the murders began there he was the assistant director of the Seattle Crime Prevention Advisory Commission and wrote a pamphlet for women on rape prevention.

"If anyone considers me a monster, that's just something they'll have to confront in themselves," he said in a 1986 interview with The New York Times. "For people to want to condemn someone, to dehumanize someone like me is a very popular and effective, understandable way of dealing with a fear and a threat that is incomprehensible."

## 10 APÊNDICE

### Apêndice 1

MELODRAMATIZAÇÃO – JULGAMENTO (NYT 1978)	TRECHO TRADUZIDO*
<b>ALL-AMERICAN BOY ON TRIAL</b>	O LEGÍTIMO GAROTO AMERICANO EM JULGAMENTO (o termo “all-american” refere-se à alguém que possui qualidades características aos ideais americanos, como honestidade, ser atraente, saudável e trabalhar duro)
Those who saw him for the first time agreed with those who had known him for all of his 28 years: there must have been some terrible mistake	Aqueles que o viram pela primeira vez concordaram com aqueles que o conheceram por todos os seus 28 anos: Deve ter havido algum engano terrível.
Represented the best in america, not its worst	Representava o melhor da América, não o seu pior.
“We can start with the bail-bond system,” he laughed, engaging in light banter that was warm, friendly and not the least bit defensive	“Podemos começar com o sistema de fiança”, ele riu, envolvendo em uma leve brincadeira que eram calorosas, amigável e nem um pouco defensiva.
A burst of madness	Uma explosão de loucura
Before the murderous frenzy was spent	Antes que o frenesi assassino acabasse.
The most prolific mass murderers in the history of the country	O assassino em massa mais prolíficos da história do país
Ted bundy, for all appearances, no way resembled any of them [the stereotype of mass killers]	Ted Bundy, de todas as aparências, de maneira nenhuma se parecia com nenhum deles [os estereótipos dos assassinos em massa]
“Ted could be with any woman he wanted — he was so magnetic!”	“Ted poderia estar com qualquer mulher que ele quisesse - ele era tão magnético!”
[He wanted] to do something with his life to help others	[Ele queria] fazer algo com a vida dele para ajudar os outros
[Someone] drawn inexorably into a monstrous web of circumstances by a jealous fiancée, and then hounded by conniving police investigators, ambitious prosecutors and lazy journalists, all of whom loved his case and warmed to the idea of piling one charge on top	[Alguém] inexoravelmente imerso em uma teia monstruosa de circunstâncias por uma noiva ciumenta e, em seguida, perseguido por investigadores policiais conspiracionistas, promotores ambiciosos e jornalistas preguiçosos, todos os quais amaram seu caso e se entusiasmaram com a ideia de

of another, making it bigger and more sensational	empilhar uma acusação em cima da outra, tornando-o maior e mais sensacional
<b>The first to die was lynda ann healy</b>	<b>A primeira a morrer foi Lynda Ann Healy</b>
While with friends at lake sammanish park, where frisbee throwers and beer drinkers from the summer session at the university spent weekends	Enquanto estava com amigos no Lake Sammanish Park, onde jogadores de Frisbee e “bebedores de cerveja” da temporada de verão da universidade passavam os finais de semana.
The police added the name to a list of 2,877 suspects in the case	A polícia acrescentou o nome a uma lista de 2.877 suspeitos sobre o caso
By early fall young women were mysteriously disappearing in salt lake city and its suburbs	No início do outono, jovens mulheres estavam desaparecendo misteriosamente em Salt Lake City e nos seus subúrbios
She never reached her car in the school parking lot, and was never seen again	Ela nunca chegou ao carro no estacionamento da escola e nunca mais foi vista
Miss daronch, crying hysterically, managed to open the car door and leap out, hailing a passing auto as the driver of the volkswagen sped off into the night	Senhorita DaRonch, chorando histericamente, conseguiu abrir a porta do carro e saltar para fora, acenando para um carro que passava enquanto o motorista do Volkswagen acelerava noite adentro
He joked good-naturedly with his jailers, who admitted they liked his humor and brightness	Ele fazia piadas bem-humoradas com seus carcereiros, que admitiram que gostavam de seu humor e brilho
<b>One sunny May morning he escaped</b>	<b>Em uma manhã ensolarada de maio ele escapou</b>
The town of Aspen reacted as if Bundy were some sort of modern Robin Hood instead of a suspected mass murderer	A cidade de Aspen reagiu como se Bundy fosse algum tipo de Robin Hood moderno em vez de um suposto assassino em massa
Young people started wearing t-shirts with inscriptions like “ted bundy is a one-night stand.” A local restaurant offered a “bundyburger” consisting of nothing more than a plain roll. “Open it and see the meat has fled”, a sign in the restaurant said	Os jovens começaram a usar camisetas com inscrições como “Ted Bundy é um sexo casual”. Um restaurante local ofereceu um “Bundyburger” que consistia em nada mais do que um pão simples. “Abra e veja que a carne fugiu”, dizia uma placa no restaurante
As the summer passed and the mountains filled up again with snow, bundy filled up the court with new motions, even going to federal court to complain that he was being kept under inhumane circumstances at the jail,	Conforme o verão passou e as montanhas se encheram de neve novamente, Bundy encheu a corte com novos movimentos, até mesmo indo ao tribunal federal reclamar que estava sendo mantido em circunstâncias desumanas



held in isolation in a badly ventilated cell, and given meals so inadequate that he had lost 20 pounds.	na prisão, em isolamento em uma cela mal ventilada, e recebendo refeições tão inadequadas que ele havia perdido 20 quilos
The order came just before christmas. "my christmas present from the court," bundy told a friend by telephone, "a guaranteed death sentence."	A condenação veio um pouco antes do Natal. "Meu presente de Natal do tribunal", disse Bundy a um amigo por telefone, "uma sentença de morte garantida".
So many of his good qualities have now been turned into evil ones because people think he is guilty	Muitas de suas qualidades boas agora foram transformadas em más porque as pessoas pensam que ele é culpado
But given the seeds of a problem in a child, then expose him to the confusing mixture of violence and sexual aggression offered by the media, and is the result a growing pool of personalities capable of brutal acts?	Mas, dadas as sementes de um problema em uma criança, então exponha-o à mistura confusa de violência e agressão sexual oferecida pela mídia, e o resultado seria um piscina crescente de personalidades capazes de atos brutais?
That winter the "ted" murders began	Naquele inverno os assassinatos "Ted" começaram
The next morning, 12-year-old kimberly leach, a pretty school girl who looked older than her years, disappeared from school in lake city	Na manhã seguinte, Kimberly Leach, de 12 anos, uma bonita colegial que parecia mais velha do que realmente era, desapareceu da escola em Lake City

\*Trechos traduzidos pela autora.

## Apêndice 2

MELODRAMATIZAÇÃO – EXECUÇÃO (NYT 1989)	TRECHO TRADUZIDO*
About 200 people gathered outside the entrance of the florida state prison cheered when they heard the news.	Cerca de 200 pessoas reunidas em frente à entrada da Prisão Estadual da Flórida aplaudiram quando ouviram a notícia
He went quietly to his death nearly 15 years after he embarked on a trail of murder that investigators believe took the lives of 30 or more young women across the nation.	Ele foi discretamente de encontro a morte quase 15 anos depois de embarcar em uma trilha de assassinato que os investigadores acreditam ter tirado a vida de 30 ou mais mulheres em todo o país
"Give my love to my family and friends,"	"Mande meu amor para a minha família e amigos,"

He was pronounced dead at 7:16a.m. after 2,000 volts of electricity surged through his body for one minute.	Ele foi declarado morto às 7h16 depois de 2.000 volts de eletricidade percorrerem seu corpo por um minuto
Mr. Bundy was silenced by his date with the executioner.	O Sr. Bundy foi silenciado por seu encontro com o carrasco
Mr. Bundy nodded to him in recognition as he was being strapped into the chair.	O Sr. Bundy acenou para ele em reconhecimento enquanto ele estava sendo amarrado na cadeira
'He killed for the sheer thrill of the act and the challenge of escaping his pursuers"	"Ele matou pela pura emoção do ato e pelo desafio de escapar de seus perseguidores"
From campuses at night or crowded parks in daytime when their defenses were lowered in familiar settings	De campi universitários à noite ou parques lotados durante o dia, quando suas defesas eram reduzidas em ambientes familiares
If the skeletons were found months or years later there was nearly always evidence of fractured skulls and broken jaws and limbs	Se os esqueletos fossem encontrados meses ou até anos depois, quase sempre havia evidências de crânios fraturados e mandíbulas e membros quebrados
On monday he tearfully told James Dobson, a psychologist and religious broadcaster who served on a federal pornography commission, that hard-core pornography become an obsession and drove him to act out his fantasies	Na segunda-feira, ele disse a James Dobson, um psicólogo e radialista religioso que atuou em uma comissão federal de pornografia, que a pornografia pesada se tornou uma obsessão e o levou a realizar suas fantasias

\*Trechos traduzidos pela autora.

### Apêndice 3

<b>VIOLÊNCIA - JULGAMENTO (NYT 1978)</b>	<b>TRECHO TRADUZIDO*</b>
Kidnapping/kidnapped (6)	Sequestro / sequestrado (6)
Slipped into de upstairs rooms of the Chi Omega seniority house	Entrou nos quartos do andar de cima da casa da fraternidade Chi Omega
Used a tree limb to savagely smash the heads of four young woman asleep in bed raping and strangling the life of two of them	Usou um galho de árvore para esmagar violentamente as cabeças de quatro jovens adormecidas na cama, estuprando e estrangulando a vida de duas delas
Beating her nearly to death	Batendo nela quase até a morte
Bite marks inflicted on one of the dead students wew made by the suspect	As marcas de mordidas infligidas a uma das alunas mortas foram feitas pelo suspeito
Sexual murders	Assassinatos sexuais
Student vanished/vanished (6)	Aluno desapareceu / desapareceu (6)

Shallow grave	Cova rasa
The jawbone of miss healey, along with the bones if two young women	A mandíbula de Srta. Healey, junto com os ossos de duas jovens
The remains os three time-savaged corpeses	Os restos mortais de três cadáveres devastados pelo tempo
Burial of women	Enterro de mulheres
Rape/rapes (2)	Estupro/estupros (2)
Fear	Medo
Six missing women	Seis mulheres desaparecidas
Gravesite	Túmulo
The bodies had been dismembered or if wild animals had carried away the remains	Os corpos foram desmembrados ou se animais selvagens levaram os restos
Murder/murderes (9)	Assassinato/assassinatos (9)
Waitress disappeared from her north salt lake home and was never found	Garçonete desapareceu de sua casa em North Salt Lake e nunca foi encontrada
Her nude and battered and sexually assaulted body was found nine days later	Seu corpo nu, agredido e abusado sexualmente foi encontrado nove dias depois
Her nude body with a nylon stocking tied around her neck in the same way one had been used to strangle Melissa Smith, was found dumped in the rough countryside	Seu corpo nu com uma meia de nylon amarrada em volta do pescoço da mesma forma que um tinha sido usado para estrangular Melissa Smith, foi encontrada jogada no campo
Dissappeared from the school parking lot	Desapareceu do estacionamento da escola
Handcuffs (3)	Algemas (3)
She did identify bundy in a police line up as her abductor	Ela identificou Bundy em uma fila policial como seu sequestrador
Na ice pick, a ski mask, a nylon stocking with eye and mouth holes. And a pair of handcuffs	Um picador de gelo, uma máscara de esqui, uma meia de nylon com buracos nos olhos e na boca. E um par de algemas
Ski mask and nylon stocking	Uma máscara de esqui, uma meia de nylon
Young women in the neighboring state of colorado began disappearing	Mulheres jovens no vizinho estado do Colorado começaram a desaparecer
Sexually abused	Abusadas sexualmente
Beaten bodies	Corpos espancados
Remote ravines and mine shaft	Ravinas remotas e poço de mina
Seven murders in Seattle	Sete assassinatos em Seattle
Homicides	Homicídios
Brutal sex slaying	Assassinato de sexo brutal
Death	Mortes
Killer	Assassino

Nude body	Corpo nu
Buried in the snow	Enterrado na neve
Sexual slaying	Assassinato sexual
Carrying a stubby limb of an oak tree	Carregando um galho atarracado de um carvalho
"For god's sake, help!", the young woman screamed again. "they're all dead."	"Pelo amor de Deus, ajude!", a jovem gritou novamente. "Elas estão todas mortas."
Ted Bundy scaped for the second time	Ted Bundy escapou pela segunda vez
Attacked as they slept	Atacadas enquanto dormiam
A sadistic bludgeoning with an oak club	Um golpe sádico com um porrete de carvalho
Broke bones	Ossos quebrados
Left the two survivors with no memory of what had happened	Deixou as duas sobreviventes sem memória do que tinha acontecido
The two women who died were stangled	As duas mulheres que haviam morrido tinham sido estranguladas
Sexually mutilated	Mutiladas sexualmente
There were deep bite marks on the breast of one victim, on the buttocks of another	Havia marcas de mordidas profundas no peito de uma vítima, nas nádegas de outra
Chi Omega murders	Assassinatos da Chi Omega
Her sexually abused body was found in a shallow grave near Live Oak in April	Seu corpo abusado sexualmente foi encontrado em uma cova rasa perto de Live Oak em abril
Blow to the head	Pancada na cabeça
To submit the making of his teeth impressiond, and Dr. Souviron told the pathologist: "they line up perfectly, exactly"	Para submeter a confecção de impressões de seus dentes, e o Dr. Souviron disse ao patologista: "eles se alinham perfeitamente, exatamente"

\*Trechos traduzidos pela autora.